



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Curso de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural

# ***KATUTA MABWE***

## **SONGO**

**UMA CONSTRUÇÃO EM PLATAFORMA NA PROVÍNCIA DE TETE, NO DISTRITO  
DE CAHORA BASSA (SÉC. XVIII AD)**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

**Elaborado por:** Ernesto U. Maculuve Júnior

**Supervisora:** Professora Doutora Solange Laura Macamo

Maputo, Dezembro de 2019

**KATUTA MABWE**

**SONGO**

**UMA CONSTRUÇÃO EM PLATAFORMA NA PROVÍNCIA DE TETE, NO DISTRITO  
DE CAHORA BASSA (SÉC. XVIII AD)**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

Por: Ernesto U. Maculuve Júnior

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

<b>O Júri:</b>			<b>Data:</b>  ____/____/____
<b>O Presidente:</b>	<b>O Supervisor:</b>	<b>O Oponente:</b>  _____	

<b>Índice</b> .....	<b>Pags.</b>
DECLARAÇÃO .....	II
DEDICATÓRIA .....	II
Agradecimentos .....	III
Lista de figuras, tabelas e gráficos .....	V
1.1. Introdução.....	1
1.2. Formulação do problema.....	2
1.3. Justificativa e relevância do estudo .....	3
1.4. Objectivos.....	4
Geral .....	4
Específicos .....	4
1.5. Metodologia .....	5
1.6. Estrutura do Trabalho:.....	6
Capítulo 2. Revisão da Literatura .....	12
3.1. Breve historial sobre a pesquisa em recintos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami na África Austral .....	12
3.2. A origem da Tradição Zimbabwe e sua extensão geográfica.....	13
3.3. Caracterização da Tradição Zimbabwe-Khami.....	14
3.4. Tradições orais .....	15
3.5. Funções dos amuralhados associados à Tradição Zimbabwe-Khami .....	17
3.6. Resultados das intervenções arqueológicas no Songo, durante o período colonial .....	18
3.7. Resultados das intervenções arqueológicas no Songo após a independência .....	20
4.1. Localização geográfica do Songo .....	22
4.2. Condições climáticas do Distrito de Cahora Bassa.....	22
<b>CAPÍTULO 4. DESCRIÇÃO GERAL DOS PRINCIPAIS AMURALHADOS DA TRADIÇÃO ZIMBABWE-KHAMI, EM MOÇAMBIQUE, ÁFRICA DO SUL E NO ZIMBABWE .....</b>	<b>25</b>
5.1. Moçambique.....	25
a) Manyikeni .....	25
b) Niamara.....	26
c) M'bire Nhantekwe .....	27
d) Songo .....	28

5.2. África do sul .....	28
Mapungubwe.....	28
5.3. Zimbabwe.....	30
a) Grande Zimbabwe.....	30
b) Khami.....	31
Capítulo 5. As prováveis funções da plataforma do Songo: uma análise comparativa .....	34
6.1. A plataforma do Songo .....	34
6.2. Prováveis funções dos diferentes compartimentos do Songo .....	36
6.3. Tipologia e funções dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami.....	37
6.4. Cronologia dos principais amuralhados Zimbabwe em Moçambique e na África Austral	42
6.5. Discussão.....	42
Referências bibliográficas .....	48
Anexos.....	53

## **DECLARAÇÃO**

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma é resultado da minha investigação pessoal, estando devidamente indicadas, ao longo do texto, as respectivas fontes bibliográficas usadas para a sua efectivação.

Ernesto U. Maculuve Júnior

---

Maputo, Dezembro de 2019

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Ernesto Uassiquete Maculuve (1949-2008) e Maria Jaime Langa (1953-2018).

Este trabalho é dedicado, igualmente, ao meu irmão, Orlando Ernesto Maculuve (1977-2007).

## **AGRADECIMENTOS**

Especial agradecimento à minha supervisora, Prof<sup>a</sup>. Doutora Solange Macamo, pela sua dedicação, paciência, simpatia, simplicidade e apoio incondicional, e ainda sobretudo pelos seus ensinamentos e confiança que depositou em mim ao longo de todo o processo da elaboração deste trabalho.

Os meus agradecimentos são extensivos igualmente a todo o corpo docente afecto ao DAA (Secção de Arqueologia), pelos seus ensinamentos e incentivo, nomeadamente ao Prof. Doutor Hilário Madiquida, Dra. Kátia Filipe, Dr. Ricardo Teixeira Duarte, Prof. Doutor Leonardo Adamowicz, Dr. Hamilton Matsimbe, Dr. Omar Madime, Dr. Décio Muinga, dra. Marta Langa, dr. Celso Simbine, dr. César Mahumane e Dr. Jossias Humbane.

Agradeço igualmente a todos os colegas do curso de Arqueologia e Gestão do Património Cultural, em particular ao Hamido Atuia, pela sua amizade e apoio prestado sempre que necessitei, o que contribuiu grandemente para a efectivação deste trabalho. Agradeço também aos colegas, Flora Tonela, Rassina Farassi, Pedro Moiane, Higino Mucussete, Alquira Manhique, Celso Dodo, Ormélia Massango, Sara Nhazilo, entre outros com quem compartilhei ideias durante a minha formação académica tanto na UEM como noutras instituições onde frequentei os diferentes níveis de ensino.

Um agradecimento especial vai para o dr. Varsil Cossa, pelo seu contributo na elaboração dos mapas ilustrados neste trabalho.

Aos funcionários da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, em particular o Senhor Paulo Langa agradeço bastante pelo apoio prestado, em matérias técnico-administrativas do funcionamento da faculdade. Os meus agradecimentos são endereçados ainda ao Professor Paul Sinclair, pelas suas sugestões, durante a palestra por si proferida aos estudantes, em 2018, bem como à Dra. Inês Castelo, por me ter disponibilizado a sua tese de Mestrado sobre o Songo.

Enorme gratidão vai para todos os meus familiares, pelo apoio material e moral, com especial atenção às minhas irmãs, Cristina Maculuve, Ana Luísa Langa e Maria Maculuve. Não me esqueço da prima Fidélia Arão a quem agradeço por me ter apoiado incondicionalmente numa das fases determinantes da minha vida.

## **ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS**

AD – Ano Domini (Ano do Senhor)

ARPAC – Arquivo do Património Cultural - Instituto de Investigação Sócio - Cultural

BEPAVZ – Brigada de Estudos de Pré- história e Arqueologia do Vale do Zambeze

CNPVPC – Campanha Nacional de Preservação e Valorização do Património Cultural

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

JIU – Junta de Investigações Científicas do Ultramar

MAE – Ministério de Administração Estatal

MAM – Missão Antropológica de Moçambique

Sida-SAREC – Agência Sueca de Cooperação para a Investigação Científica

SNMA – Serviço Nacional de Museus e Antiguidades

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

UNESCO- Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura



## LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1. Mapa da localização do Songo (elaborado por Varsil Cossa 2019).....	23
Figura 2. Recinto amuralhado de Manyikení (Macamo 2006).....	27
Figura 3. Amuralhado de Niamara (Macamo 2006).....	28
Figura 4. Mapungubwe: um recinto amuralhado situado no topo da montanha (Huffman 2009) .....	30
Figura 5. O Grande Zimbabwe evidenciando a relação entre as construções em pedra e a componente natural (Pikirayi 2013).....	32
Figura 6. Khami: uma construção em plataforma identificada em Khami, na actual República do Zimbabwe (Pikirayi 2013). ....	33
Figura 7. Mapa com a distribuição geográfica dos principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami, na África Austral mencionados neste trabalho (elaborado por Varsil Cossa 2019). ....	34
Figura 8. Zonas intactas da muralha do corredor da entrada à plataforma do Songo (adaptado e modificado de Rodrigues 2009 por Castelo 2015). ....	37
Figura 9. Tipos de construção dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami .....	40
Figura 10. Técnicas de arquitectura dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami.....	41
Figura 11. Ilustração de uma estrutura em plataforma do tipo Khami (Ndoro 2005). ....	41
Figura 12. Ilustração das componentes de uma estrutura em pedra seca sem argamassa do tipo Zimbabwe (Ndoro 2005).....	41
Tabela 1. Classificação tipológica do amuralhado de Manyikení .....	37
Tabela 2. Classificação tipológica do amuralhado de Niamara.....	38
Tabela 3. Classificação tipológica do amuralhado de Songo .....	38
Tabela 4: Classificação tipológica do amuralhado de M' bire Nhantekwe.....	38
Tabela 5. Classificação tipológica do amuralhado de Mapungubwe.....	39
Tabela 6: Classificação tipológica do amuralhado de Grande Zimbabwe.....	39
Tabela 7: Classificação tipológica do amuralhado de Khami em Bulawayo.....	39
Tabela 8: Sequência cronológica dos principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami mencionados neste trabalho (Adaptado e compilado de Huffman 2000; Macamo 2006; Chirikure <i>at al</i> 2014). ....	42

## RESUMO

O presente trabalho intitulado “*Katuta Mabwe – Songo: Uma Construção em Plataforma na Província de Tete, no Distrito de Cahora Bassa (Séc. XVIII AD)*” tem como objectivo analisar a estrutura da construção em plataforma do Songo, com vista a perceber as prováveis funções desempenhadas pelos seus diferentes compartimentos. Análise essa, que se baseou na comparação do Songo com os restantes principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami em Moçambique, África do Sul e no Zimbabwe, designadamente: Manyikeni, Niamara, M`bire Nhatekwe, Grande Zimbabwe, Mapungubwe e Khami.

As construções relacionadas com a Tradição Zimbabwe-Khami consistem em dois tipos: o amuralhado em si e as casas de *dhaka*, estaca e palha. São conhecidas duas técnicas de arquitectura Zimbabwe-Khami nomeadamente, *Free-standing wall* (Pedras levantadas que formavam o amuralhado, no interior do qual eram erguidas as casas de habitação da elite dirigente) e *Retaining Wall* (construções em plataforma, por cima da qual assentavam as ditas casas de habitação que eram também da elite dirigente). Songo é o exemplo escolhido de construção em plataforma, como objecto de estudo deste trabalho. Os conhecimentos adquiridos, baseados na comparação com os restantes amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami, em Moçambique, África do Sul e Zimbabwe, ajudam a interpretar as funções da plataforma do Songo.

**Palavras-chave:** Plataforma do Songo. Funções dos amuralhados. Tradição Zimbabwe-Khami. Técnicas de arquitectura.

## 1.1. Introdução

*Katuta Mabwe* significa carregar pedras, designação dada pelos habitantes locais, na língua Shinhugwe à plataforma de pedra localizada no meio da sua vila do Songo, no distrito de Cahora Bassa, na província de Tete, em Moçambique (Macamo & Duarte 1996: 561).

Por isso, *Katuta Mabwe* é sobre a plataforma arqueológica do Songo, que se insere nos estudos sobre a Tradição Zimbabwe-Khami em Moçambique relacionada com as construções em pedra solta, sem argamassa a uni-las. Novos dados arqueológicos indicam as origens desta Tradição, entre 1050 e 1400 AD, em Mapela Hill, na confluência entre os rios Shashe e Limpopo, a Sudoeste do Zimbabwe (Chirikure *et al.* 2014: 2).

Estas construções em pedra solta ou Zimbabwe (*dzimbahwe*), em língua Shona são de dois tipos: o amuralhado em si e as casas de habitação de *dhaka*, estaca e palha (Ndoro 1997: 97). São também conhecidas duas técnicas de arquitectura Zimbabwe: *Free-standing wall* (pedras levantadas que formavam o amuralhado, no interior do qual eram erguidas as casas de habitação onde vivia a elite dirigente) e *Retaining Wall* (construções em plataforma, por cima da qual assentavam as ditas casas de habitação onde também residia a elite dirigente) (Ndoro 2001; Pikirayi 2013). Em Moçambique, o primeiro tipo de construção foi identificado em Manyikeni e o segundo em Niamara e Songo, nas Províncias de Inhambane, Manica e Tete, respectivamente. Similarmente, em Vilanculos, na Província de Inhambane, os arqueólogos identificaram recentemente uma nova construção do tipo Zimbabwe, de Maxanissa, com a designação de *Ngomeni* (o que na língua local significa casa de alvenaria) (Macamo *et al.* no prelo).

Neste trabalho, no entanto, pretendo aprofundar o tipo de construção em plataforma, cujo exemplo é Songo. Este estilo de arquitectura, está associado ao tipo de construção *Khami* que se caracteriza principalmente pela presença de plataformas (Robinson 1959; Hall 1987 citados por Macamo 2006: 109). As paredes destas construções foram, ocasionalmente, erguidas apoiando-se em rochas ou elevações para ampliar a plataforma ou reforçar a parede" (Robinson 1959: 11).

A arquitectura Khami é encontrada igualmente em *Danamombe (Dlho-Dlho)*, *Naletale*, entre outras estações arqueológicas na República do Zimbabwe (Sinclair 1987; Pikirayi 1993, 2013). Em Moçambique, o tipo de construção *Khami* foi estudado no Songo e em Niamara (Macamo 2006, 2011). O tipo de construção *Khami* foi influenciado pelo Grande Zimbabwe, razão pela

qual, ambos foram incluídos na mesma tradição denominada *Zimbabwe-Khami* (Sinclair 1987, Pikirayi 1993).

## **1.2. Formulação do problema**

Os estudos efectuados anteriormente no Songo incidiram basicamente nas questões referentes à tradição cerâmica, análise estratigráfica e datação do amuralhado com vista a uma melhor compreensão da identidade arqueológica do recinto amuralhado em relação à Tradição Zimbabwe-Khami (Macamo 2006: 184). Estes estudos constituem uma tentativa de continuidade aos trabalhos inicialmente levados a cabo pelo geólogo Miguel Ramos entre 1971 e 1972. A partir de um estudo preliminar Ramos (1973, 1980) levantou uma hipótese segundo a qual o Songo poderia estar associado ao Estado Zimbabwe-Monomotapa.

Por sua vez, Macamo (2006, 2011), apresentou uma cronologia referente ao amuralhado do Songo (correspondente ao século XVIII AD), tendo também constatado que o mesmo é do Tipo Zimbabwe-Khami. Este tipo de construção justifica a continuidade da Tradição Zimbabwe no período Khami (Huffman 2000; Pikirayi 2013). Todavia, o tipo Zimbabwe-Khami referido neste trabalho, diz respeito somente ao estilo arquitectónico, pondo de lado a cerâmica, dada a insuficiência de informação sobre este mesmo vestígio.

Entretanto, existe a necessidade de se aprofundar o estudo sobre as prováveis funções da construção em plataforma do Songo através da sua comparação com os restantes principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami, em Moçambique, África do Sul e no Zimbabwe. Daí que se coloca a seguinte pergunta de partida:

De que forma é que a constatação segundo a qual Songo é uma construção em plataforma pode também ajudar na interpretação em torno das suas prováveis funções e utilizações?

Por exemplo, Liesegang (2005 citado por Macamo 2006: 189-190), sugere a sua função como armazém de sal, a partir dos vestígios de uma estrutura rectangular encontrada na plataforma. Porém, de um modo geral sabe-se que a construção em plataforma sustentava as casas da elite dirigente como acontece em Khami (na actual República do Zimbabwe) (Pikirayi & Chirikure 2008; Pikirayi 2013). Neste trabalho pretendo aprofundar as prováveis funções do Songo, especificamente, no que à estrutura do edifício diz respeito.

### **1.3. Justificativa e relevância do estudo**

A escolha deste tema prende-se com a necessidade de se resgatar e valorizar as técnicas usadas pelos nossos antepassados na construção dos amuralhados. O Songo, sobretudo constitui um bem cultural de notável valor do ponto de vista arquitectónico e arqueológico que nos permite uma melhor compreensão no que concerne ao estudo da Tradição Zimbabwe–Khami, em Moçambique.

O meu particular interesse pelo tema provém fundamentalmente da minha formação no curso de Arqueologia e Gestão do Património Cultural, ministrado na UEM. Com efeito, as aulas foram um grande incentivo para a escolha do tema, por terem proporcionado vários debates estimulantes acerca da arquitectura pré-colonial em Moçambique, África do Sul e Zimbabwe (particularmente sobre o estilo de construção em plataforma do Songo). Durante muito tempo pensou-se que os amuralhados não tinham sido construídos pelos africanos (Macamo 2006, 2011). Essa discussão está ligada ao paradigma colonial baseado em preconceitos de inferiorização dos africanos. Felizmente, este paradigma foi posteriormente desafiado a partir de evidências arqueológicas que comprovaram a origem africana do Grande Zimbabwe (Caton-Thompson 1931; Hall & Steffoff 2006; Macamo 2006) e conseqüentemente também das outras construções similares, como o Songo, em Moçambique. Com o início da arqueologia africana foram também analisadas as origens africanas de muitos Centros Urbanos na África Oriental designadamente através do projecto “Origens Urbanas” que contou com o apoio da Sida-SAREC (Sinclair 1991; Sinclair & Petrán s/d).

Serviu também de estímulo, para este tema, a minha participação na palestra proferida pelo Professor Paul Sinclair da Universidade de Uppsala aquando da sua visita à UEM, em 2018, integrando uma delegação da Suécia, para participar nas celebrações dos 40 anos de cooperação científica entre a UEM e a Sida-SAREC. A palestra influenciou-me para que desse a continuidade com a minha pesquisa sobre o tema, particularmente sobre as funções dos amuralhados em Moçambique, um campo ainda por conhecer melhor. Na sua palestra, Paul Sinclair abordou, entre outros assuntos, a questão do Grande Zimbabwe. Questionado por mim sobre qual deveria ser a metodologia para estudar as funções do Songo, orientou para a utilização dos resultados do Grande Zimbabwe numa base comparativa. Recomendação essa inicialmente

sugerida por Solange Macamo baseada no argumento de que tanto no Songo como no Grande Zimbabwe, as construções foram feitas usando pedra solta, sem argamassa a unir as fiadas.

Até à data da independência, Moçambique encontrava-se relativamente atrasada, em termos de pesquisas arqueológicas, quando comparado com os países vizinhos, como a República do Zimbabwe (Sinclair 1987; Sinclair *et al.* 1993), em particular relativamente às funções da arquitectura do Grande Zimbabwe. Este trabalho afigura-se relevante, por ser um dos esforços entre vários, levados a cabo por arqueólogos profissionais após a independência na perspectiva de preencher algumas lacunas existentes no âmbito da investigação arqueológica no nosso país. Entretanto, espera-se que a baliza de conhecimento obtido possa igualmente ajudar a perceber as funções das restantes estruturas do género, em Moçambique.

#### **1.4. Objectivos**

##### **Geral**

Analisar a estrutura de construção em plataforma do Songo, para perceber as prováveis funções desempenhadas pelos seus diferentes compartimentos.

##### **Específicos**

- Caracterizar o contexto físico- geográfico no qual está inserido o Songo;
- Descrever os principais amurallados associados à Tradição Zimbabwe-Khami em Moçambique;
- Interpretar a Tradição Zimbabwe-Khami no Songo;
- Comparar o estilo de construção em plataforma do Songo com os restantes principais amurallados da Tradição Zimbabwe-Khami em Moçambique, África do Sul e no Zimbabwe;
- Compreender, a partir dos resultados do Grande Zimbabwe e de outras estruturas similares, as prováveis funções e utilizações da construção em plataforma do Songo.

## 1.5. Metodologia

O processo de elaboração deste trabalho compreendeu três etapas, a primeira das quais é referente à revisão da literatura disponível em alguns acervos bibliográficos da Cidade de Maputo, nomeadamente a Biblioteca Central Brazão Mazula, o Arquivo Histórico de Moçambique e a Biblioteca do DAA/UEM. Nesta etapa, recorreu-se ainda à consulta de alguns artigos disponíveis na internet como forma de complementar as informações inicialmente recolhidas sobre a temática em estudo.

A segunda etapa consistiu na análise e interpretação dos dados recolhidos nos locais acima referidos. Com efeito, a partir das várias abordagens que versam sobre a arquitectura Zimbabwe em Moçambique, África do Sul e no Zimbabwe foi possível efectuar-se um estudo comparativo da construção em plataforma do Songo com os restantes principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami dos países acima mencionados.

Segundo Scheneider & Schimitt (1998: 49) a comparação, enquanto momento da actividade cognitiva, pode ser considerada como inerente ao processo de construção do conhecimento nas ciências sociais. É a partir do método comparativo que se pode descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicando as determinações mais gerais que regem os fenómenos sociais.

A partir das fontes orais relatadas por Santos Júnior (1940, 1941), também se percebem os valores intangíveis associados ao Songo. Estes valores estão ligados à religião e a um sistema de crenças (Macamo & Duarte 1996). Há toda uma história relacionada com as abelhas (Macamo 2006, 2011), que pode ter sido usada para proteger a estação arqueológica ao longo dos tempos, como aconteceu em *Mapungubwe* (na actual África do Sul), relativamente aos *chacais* (Macamo 2009: 52).

Na terceira etapa do trabalho, procedeu-se à elaboração de mapas com recurso ao programa informático denominado *Inkscape*, assim como à preparação de imagens de ilustração, inserção de tabelas e gráficos. Posteriormente, foi efectuada a redacção e a revisão final do trabalho.

## **1.6. Estrutura do Trabalho:**

Introdução

Capítulo 1- Trata sobre o quadro teórico e conceptual relacionado com a temática em estudo.

Capítulo 2- Diz respeito a revisão da literatura que se debruça sobre a Tradição Zimbabwe-Khami na região Austral de África.

Capítulo 3- Faz a referência ao contexto físico-geográfico da área de estudo, tendo em conta os seguintes elementos: condições climáticas, hidrografia, geologia, relevo e vegetação.

Capítulo 4- Trata sobre a descrição geral dos principais amuralhados Zimbabwe em Moçambique, África do Sul e no Zimbabwe.

Capítulo 5- Aborda em torno das prováveis funções da plataforma do Songo numa base de análise comparativa com os restantes principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami.



## CAPÍTULO 1- QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Neste capítulo são definidos um conjunto de termos abaixo indicados, os quais nos permitem entre outros aspectos, a possibilidade de interpretação do Songo como uma construção em plataforma e de perceber as prováveis funções desempenhadas pelos seus diferentes compartimentos.

**Amuralhado Zimbabwe** (*Madzimbahwe*) – Estruturas em pedras, geralmente de granito, sobrepostas sem argamassa a uni-las. Tinham como função delimitar a zona onde viviam os chefes como símbolo de poder e prestígio. Exemplo: Manyikeni e Songo, em Moçambique (Macamo 2003, 2006).

Entre os séculos XV e XVIII AD assiste-se ao aparecimento de amuralhados com função defensiva, do estilo fortificação como por exemplo os *Khokholo* (no sul de Moçambique) e Aringas (no vale do Zambeze) (Adamowicz 2003; Macamo 2003, 2006). Os tipos de amuralhados, geralmente coincidem com as fronteiras de olaria, no contexto das Comunidades de Agricultores e Pastores Tardios (Macamo 2003: 13).

Para certos autores, no entanto, amuralhado é um termo que significa "recintos amuralhados ou murados. Este termo engloba todas as ruínas de empedrado constituídas por complexos, recintos, fortins, simples ou desmoronados, torres cónicas, sepulcros, bases onde assentaram palhotas habitacionais, entre outras (Oliveira 1973: 31).

Em Moçambique, conhecem-se melhor os amuralhados de Nhamara (ou Niamara), Magure, Songo e Manyikeni. Outros amuralhados de Moçambique (província de Manica) são de datação e estilo arquitectónico incertos (Sinclair 1987; Adamowicz 2003). A maioria dos amuralhados Zimbabwe de Moçambique, conservam-se hoje como locais de culto, como acontece com a maior parte das estações arqueológicas com estruturas (Meneses 2002; Macamo 2003).

**Construção elíptica** – Designa o tipo de construção em elipse, que é comum em certa arquitectura tradicional e pré-colonial, especificamente os Zimbabwes (*Madzimbabwe*). Está representada em Moçambique, na forma curva, plana e fechada de algumas palhotas e outras construções. A curva é uma cónica simétrica em relação a dois eixos perpendiculares, um dos quais contém dois eixos (Adamowicz 2003; Macamo 2003).

**Classe dos amuralhados** – Refere-se aos estilos arquitectónicos propostos por Anthony Whitty, a partir dos estudos efectuados no Grande Zimbabwe (Ndoro 2001; Macamo 2003). A técnica de construção dos amuralhados evoluiu desde a pobre “P”, qualificada “Q” e a rústica “R”, e ainda a ‘PQ’ (Macamo 2006: 108, ver anexo 1.1). O amuralhado da classe P é construído de forma regular com blocos estendendo-se horizontalmente, mas com muita inconsistência nas camadas de pedra. Em contraste, os amuralhados da classe Q são regulares, com blocos aproximadamente rectangulares, bem nivelados e com aparência de alvenaria. As muralhas da classe R são mais grosseiras na sua construção, com alguns blocos da classe P ou Q interceptados por fragmentos irregulares de pedra. A classe PQ parece ser intermediária entre as classes P e Q, com algumas feições de ambos os estilos (Ndoro 2001: 23-24). Estas classes, apesar do seu tempo, continuam actualizadas e válidas para a maioria dos autores.

**Dhaka** – É um termo de origem Nguni que significa argila dura (Adamowicz 2003; Macamo 2003). A sua função é barrear ou maticar soalhos e paredes de certas construções como as palhotas em Moçambique, em especial a casa Shona de arquitectura tradicional. Este termo é vulgarmente utilizado dentro da arquitectura do tipo Zimbabwe (Macamo 2003: 31-32).

**Estilo** – É um processo de criação de informação por meio da diferenciação, portanto, reconhecidamente evocativo de um contexto cultural específico. Este conceito pode ser definido também como um modo de fazer algo (...) e envolve uma escolha feita de entre várias alternativas (Pacheco 2008: 398).

**Free-standing Wall** – Refere-se à técnica de construção do tipo Zimbabwe cujas construções são em paredes levantadas, as quais circundavam as casas de habitação de *dhaka* (Ndoro 2001, 2005; Pikirayi 2013). As estruturas deste género foram geralmente construídas com dois blocos externos cuidadosamente arrumados, cheios de pedras com menor tamanho e forma, mas habitualmente de natureza semelhante (Ndoro 2005: 22).

**Katuta Mabwe** – Nome por que é conhecido o Zimbabwe de Songo, significando em Shinhugwe (uma das línguas da Província de Tete) “carregar pedras” (Macamo 2003: 42).

**Khami** – Local situado perto de Bulawayo, no Zimbabwe onde foram encontrados os amuralhados mais longos e melhor preservados, cuja construção é posterior aos séculos XV-XVI

AD. Os amuralhados (bem perspectivados e construídos) constituíam uma série de plataformas sob as quais eram erguidos edifícios em argila e com suportes de troncos (Meneses 2002: 100).

**Lugar Central** – A hierarquia dos espaços urbanos representa o meio final de organização geográfica (de um espaço do território, na sua componente social, político-administrativa e económica). A partir do agente de instituições urbanas que estendem a sua influência para fora, as regiões periféricas são obrigadas a depender da cidade central, onde existe determinadas formas de pensar e agir (Araújo 1997: 53).

**Plataforma** – Construção de terra ou de madeira sobre a qual assentam quaisquer objectos pesados (Dicionário enciclopédico alfa 1992: 933). Para Macamo (2003: 57) plataforma é o estilo arquitectónico de construção característico do Zimbabwe arqueológico de Khami, como o Songo. Os amuralhados construídos em forma de plataforma também são conhecidos por “estilo de bolo de noiva”.

**Pedregulho** – Grande pedra, seixo, calhau ou pequeno montão de pedras. É considerado ainda como sendo um lugar onde há muitas pedras miúdas (Dicionário enciclopédico alfa 1992; Figueiredo 1996). O material que forma um pedregulho é retirado do fundo dos rios e usado principalmente na preparação do concreto (Dicionário enciclopédico alfa 1992: 897).

**Retaining Wall** – Refere-se à técnica de construção do tipo Khami no qual as construções são em plataforma apoiando-se em rochas ou elevações, em “estilo de bolo de noiva”, no topo das quais eram construídas as casas de *Dhaka* (Ndoro 2001, 2005, Pikirayi 2013). Geralmente, as construções deste género compreendem uma face externa de blocos colocados regularmente (Ndoro 2005: 22).

**Ruína** – Resto de construção desmoronada que esteja ligada à história ou lugar mencionado pela história. Exemplos: ruínas arqueológicas Zimbabwe e Swahili, ambas representadas em Moçambique (Adamowicz 2003: 63). Para alguns autores ruína é qualquer coisa construída pelo homem, a qual foi completamente destruída e que não poderá voltar a ter a sua função original (Macamo 2003, 2010).

**Técnica** – Conjunto de processos bem definidos e transmissíveis que se destinam à produção de certos resultados considerados úteis (Adamowicz 2003: 67). Este termo pode ser definido ainda

como uma maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo (Dicionário enciclopédico alfa 1992: 1145). Para efeitos do presente trabalho, este termo é usado sob o ponto de vista arquitectónico para designar as técnicas usadas na construção dos amuralhados Zimbabwe.

**Tradição Zimbabwe (ou Grande Zimbabwe)** – É um termo global que inclui diferentes entidades arqueológicas. Todavia, a olaria geométrica e queimada é considerada a entidade que melhor distingue esta tradição. Além de outros critérios, a Tradição Zimbabwe é caracterizada pela presença de diferentes grupos de complexos de amuralhados (Macamo 2003: 66). Esta tradição é bem conhecida na actual República do Zimbabwe, onde se localiza o Grande Zimbabwe, o maior monumento Zimbabwe conhecido na região Austral de África. O Grande Zimbabwe teve esta denominação desde a independência do Zimbabwe em 1980 para evitar confusão com o nome do país (Connah 1987: 192). Daí que, considera-se "Tradição Grande Zimbabwe ou Zimbabwe-Khami" como sendo a terminologia mais adequada (Macamo 2006: 97).

Segundo Macamo (2006: 98) a Tradição Zimbabwe pode ser definida de acordo com os seguintes critérios:

- a) A presença de construções em pedra solta, sem argamassa, sobretudo do tipo Zimbabwe e Khami respectivamente.
- b) A existência de um padrão duplo de assentamento dividido em uma área elevada onde habitava a elite e uma área do vale reservada para o resto da população. Em ambos os casos, a área residencial é composta por casas em elevações. Em certos casos, as paredes foram feitas de pedra, como por exemplo, em Niamara (Moçambique).
- c) Um determinado conjunto de atributos de cerâmica apresentando motivos geométricos e decoração usando grafite. A cerâmica policromada presente nas estações do Tipo Khami é uma manifestação posterior à Tradição Zimbabwe.
- d) Uma economia baseada no cultivo de cereais, como o milho e sorgo e na criação de gado, com especial destaque para a pecuária, bem como a participação no comércio à longa distância com o

exterior através da Costa Oriental Africana. Manyikeni foi provavelmente um ponto de ligação entre a costa e o interior para tal comércio costeiro.

Por sua vez, Sinclair (1987: 105-108), acrescenta à esta definição critérios geográficos e de arquitectura. No entanto, a Tradição Zimbabwe não se restringe apenas à presença de construções em pedra. O exemplo disso é o caso de Montevideo Ranch, perto do Grande Zimbabwe.

**Urbanismo** – É um termo usado para designar um conjunto de qualidades que certos povoamentos vastos e compactos possuem e que em determinado momento representam a continuidade do movimento da população. Os pontos de intersecção, nos modelos de povoamento, caracterizam formas distintas de vida consideradas como sendo "urbanas". Estas formas começaram a aparecer há alguns 5 mil anos atrás, no decurso da transformação de grupos relativamente iguais em grupos socialmente estratificados, organizados politicamente, na base de sociedades de um território (Whetley 1972; Connah 1987; Macamo 2009). Entretanto, Araújo (1997: 22) sugere que pode-se definir como urbanos os aglomerados populacionais com cerca de 10.000 ou mais habitantes, cuja actividade económica principal não pertença ao sector agrícola, e com uma infra-estrutura sócio económica e administrativa considerada mínima.

**Zimbabwe (ou *Mazimbahwe*)** – Em língua Shona, significa casa de pedra, derivando da construção de "Dzimba dza-mabwe" ou ainda significa casa do chefe. Os amuralhados são geralmente conhecidos pelo estilo arquitectónico Zimbabwe e o estilo tardio Khami (ou simplesmente Zimbabwe-Khami) a maioria dos quais se localiza na República do Zimbabwe e em Moçambique. A feição característica do estilo Zimbabwe é a presença de amuralhados singulares ou múltiplos feitos de pedras secas sobrepostas sem argamassa a uni-las. As outras feições arquitectónicas típicas incluem plataformas e monolíticos (Adamowicz 2003; Macamo 2003).

Para melhor enquadramento da terminologia definida, o capítulo que se segue vai-se debruçar sobre a análise bibliográfica do tema em estudo, no contexto da Tradição Zimbabwe-Khami.

## **CAPÍTULO 2. REVISÃO DA LITERATURA**

No presente capítulo são apresentados diversas abordagens que versam em torno da temática relacionada com a Tradição Zimbabwe-Khami, em Moçambique e nos países vizinhos da nossa região da África Austral, nomeadamente a África do Sul e o Zimbabwe (dando, no entanto, principal destaque para a construção em plataforma do Songo).

### **3.1. Breve historial sobre a pesquisa em recintos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami na África Austral**

A primeira referência arqueológica sobre a existência de construções em pedra dada por algumas fontes portuguesas (particularmente do séc. XVI), tem a sua origem nos relatos de autores britânicos, nomeadamente Hall e Neal (DAA-UEM 1980; Macamo 2006). Estes locais foram posteriormente escavados por Wieschhoff, nos finais de 1929 (Macamo 2006: 125). Durante este período, grande parte dos estudos realizados no Grande Zimbabwe apontavam para os povos provenientes do exterior de África como sendo os construtores dos amuralhados (Caton-Thompson 1931; Macamo 2006). No entanto, a investigação arqueológica dos recintos amuralhados na República do Zimbabwe tinha progredido consideravelmente com o sensacional trabalho de Caton-Thompson (Macamo 2006: 125).

A partir das escavações efectuadas no Grande Zimbabwe e noutras estações similares, Caton-Thompson constatou que as construções eram originalmente africanas (Caton-Thompson 1931: 7), confirmando assim a hipótese inicialmente defendida por Randall-Maclver em 1905 (Ndoro 1997; Hall & Steffoff 2006). Esta descoberta contrastava com a visão eurocêntrica defendida por alguns estudiosos da época, segundo a qual os africanos eram incapazes de terem construído os amuralhados Zimbabwe (Macamo 2006; Hall & Steffoff 2006).

Barradas (1972: 47), no seu trabalho sobre “os construtores dos Zimbabwes” argumenta que seria improvável que os africanos tenham-se engajado na construção dos amuralhados Zimbabwe, uma vez que os mesmos estavam habituados a viver em palhotas. Barradas acrescentou que os africanos também não tinham preparação escolar para efectivar a construção de casas em pedra bastante sofisticadas, tal como é caso dos amuralhados Zimbabwe. Contudo, actualmente estas justificativas racistas, já não têm sido levadas a sério, por parte de vários investigadores. A respeito disso, Roza de Oliveira afirmou categoricamente que os construtores

dos amuralhados identificados em Moçambique, foram os povos de origem africana (Oliveira 1973: 56).

### **3.2. A origem da Tradição Zimbabwe e sua extensão geográfica**

A Tradição Zimbabwe ou tradição de ruínas como teria sido designado por Huffman (Sinclair 1987: 63) tem a sua origem, provavelmente, no sul de Limpopo, por volta do séc. XI AD, mais concretamente em Mapungubwe (na actual República da África do Sul). Esta tradição desenvolveu-se graças à uma cultura orientada para a criação de gado (Hall 1987; Huffman 2000, 2009).

Estudos efectuados recentemente por Chirikure *et al* (2014) sugerem que a Tradição Zimbabwe terá surgido em Mapela Hill, entre 1050 e 1400 AD, no sudoeste do Zimbabwe, na confluência entre os rios Shashe e Limpopo. Por seu lado, Huffman (2015) em reacção à este posicionamento considera que, as novas pesquisas desafiam as interpretações anteriores em torno de Mapungubwe e da Tradição Zimbabwe. Contudo, Huffman sugere que, Mapungubwe apresenta ainda as evidências mais importantes relacionadas com a questão da distinção de classes e poder na África Austral.

Relativamente aos primeiros Estados africanos na África Austral, mais recentemente, autores como Bandama *et al.* (2018) estabeleceram a seguinte sequência cronológica: Mapungubwe (1220–1290), Mapela Hill (1000–1400) e Grande Zimbábue (1000–1700). Outros Estados posteriores como Torwa-Changamire datam por volta de 1400 – 1820 e Venda entre 1700 – 1900 (Bandama *et al* 2018: 530).

A extensão geográfica da Tradição Zimbabwe determinada por Paul Sinclair, foi baseada nos estudos realizados em Moçambique e no planalto do Zimbabwe (Sinclair 1987: 63). Ao nível de toda a região da África Austral, a distribuição geográfica dos recintos amuralhados foi inicialmente determinada a partir dos estudos realizados no Grande Zimbabwe (Macamo 2006: 104).

Estima-se que existam mais de 150 estações arqueológicas com construções em pedra pertencentes à Tradição Zimbabwe-Khami, conhecidas, em Moçambique, no Zimbabwe, no Leste do Botswana e na África do Sul (Sinclair 1987: 63). Provavelmente teriam ainda existido

amuralhados deste tipo em Angola (Macamo 2006: 104). Infelizmente, mais de 50 amuralhados teriam sido destruídos, só na República do Zimbabwe (Sinclair 1987: 63).

Em Moçambique, são melhor conhecidos os amuralhados de Niamara, Magure, Songo e Manyikeni. Outros amuralhados de Moçambique identificados na Província de Manica são de datação e estilo arquitectónico incertos (Sinclair 1987; Adamowicz 2003; Macamo 2006). Recentemente, em 2014, foi identificado um outro amuralhado Zimbabwe no Sul de Moçambique (Província de Inhambane) denominado *Ngomeni* (Macamo comunicação pessoal 2019). Contudo, são escassas ainda as informações sobre o referido amuralhado.

De acordo com Macamo (2011: 1) geralmente a presença de um maior ou menor número de amuralhados, em cada lugar, dependia da abundância e qualidade do material de construção. Por exemplo, no Zimbabwe, o granito garantia melhor qualidade de construção. Todavia, nem todas as muralhas da Tradição Zimbabwe foram construídas de granito (Sinclair 1987: 65) como por exemplo Niamara, onde foi usado o Xisto e Manyikeni, o calcário. A outra característica geográfica da tradição Zimbabwe é a preferência pelas zonas perto dos vales dos rios, pois uma das suas bases económicas consistiu na domesticação do gado e na agricultura (Macamo 2006, 2011).

### **3.3. Caracterização da Tradição Zimbabwe-Khami**

Conforme visto na nota introdutória do trabalho, a Tradição Zimbabwe-Khami, sob o ponto de vista arquitectónico, inclui dois tipos de construção: o amuralhado em si e as casas de habitação de forma circular, cujos materiais de construção são as estacas, palha e a *dhaka* (Ndoro 1997: 97). Esta característica típica de arquitectura foi lhe atribuída o nome de "Tradição Zimbabwe" (Sinclair 1987) ou "Tipo Zimbabwe" (Connah 1987), que é definida pela presença de um único ou vários recintos de pedra seca (pedras sem argamassa a uni-las), livremente expostas (Pikirayi 2013: 286). "As paredes destas construções não possuem fundações devidamente preparadas" (Macamo 2006: 106).

Ndoro (2001: 29-31) faz uma clara distinção entre as construções com paredes levantadas pertencentes ao tipo Zimbabwe e as construções em plataforma do tipo Khami. "Ocasionalmente, os amuralhados foram decorados com um padrão de espinha de peixe ou com uma camada alinhada de pedra escura. Outras características arquitectónicas, que são típicas da tradição



Zimbabwe incluem monólitos colocados verticalmente semelhantes aos que foram encontrados no Grande Zimbabwe” (Connah 1987: 192).

O Tipo *Khami* corresponde à fase tardia da tradição Zimbabwe-Khami, sendo que, Khami (sudeste do Zimbabwe, em Bulawayo) é o nome pelo qual o sucessor do Grande Zimbabwe é conhecido como um centro de poder ou Estado (lugar central) (Macamo 2006: 109). Cronologicamente, *Khami* pode ser datado entre os finais dos séculos XV a XIX (Connah 1987; Hall 1987; Chirikure *et al* 2014). O estilo de construção de *Khami* foi influenciado pelo Grande Zimbabwe e esta é a razão pela qual ambas as construções estão incluídas na mesma tradição designada por *Zimbabwe-Khami* (Sinclair 1987; Pikirayi 1993), terminologia a qual também foi adoptada neste trabalho.

No tipo *Khami*, as construções são em plataformas, por cima das quais eram erguidas as casas de *dhaka* (Macamo 2006: 109). "As paredes foram, por vezes, construídas apoiando-se em rochas ou elevações para ampliar a plataforma" (Robinson 1959: 11). A decoração típica destes recintos de pedra consiste em padrões diferentes (espinha de peixe e xadrez). No Zimbabwe, existiam construções do Tipo Khami em Danamombe (Dhlo-Dhlo) e Naletale. Uma pesquisa realizada em *Khami* cobrindo cerca de 50 km sugere a existência de 46 amuralhados, 26 dos quais foram associados à fase *Leopard Kopje* (Macamo 2006: 109-110).

### **3.4. Tradições orais**

Relativamente às tradições orais, vários investigadores acreditam que as mesmas podem servir de elo de ligação entre a arqueologia e a história documentada de forma a identificar linhagens políticas ou acontecimentos históricos e relaciona-los com as estações arqueológicas pré-coloniais africanas (Castelo 2015: 60). A importância das tradições orais, particularmente sobre o Grande Zimbabwe e Estados posteriores relacionados a Mutapa, já foi referenciada por Beach (1980, 1994). As tradições orais relativas ao Songo reafirmam este ponto e mostram que, estas fontes de informação são muita das vezes de difícil interpretação (Macamo & Duarte 1996: 563).

Os primeiros dados da tradição oral referentes ao Songo recolhidos e registados por Santos Júnior em 1937 na sua segunda campanha da Missão Antropológica de Moçambique (MAM), foram publicados em um relatório intitulado “Pré-história de Moçambique” (Santos Júnior 1940, 1941). Em 1979, aquando da realização da Campanha Nacional de Preservação e Valorização do

Património Cultural (CNPVPC), os agentes locais, efectuaram igualmente a recolha de informação oral no Songo relacionada com o amuralhado cujo relatório encontra-se disponível no ARPAC em Maputo (Macamo & Duarte 1996: 563).

Entretanto, os dois relatórios acima mencionados denotam o interesse local pela estação arqueológica do Songo, também conhecida por Katuta *Mabwe* que significa “carregar pedras” devido à sua tradição oral regional. Em suma, estes relatórios, fazem referência a uma população local de supostos "canibais", denominado Madema. Referindo-se ainda que, a plataforma do Songo foi construída pelos Madema escravizados como forma de "punição pelo facto de serem canibais". O relatório do ARPAC termina com uma descrição da aniquilação local dos Madema (Macamo & Duarte 1996: 563). Por sua vez, o relatório de Santos Júnior também se refere à assimilação dos Madema pelos Machinda" que alegadamente ter-se-iam constituído para acabar com o canibalismo" (Santos Júnior 1940, 1941).

Segundo as tradições orais, a população Mashona, referida como Mashinda (um subgrupo Shona), na sua expansão para o norte, encontrou os Madema, um subgrupo Maravi aquando da sua chegada ao vale do Zambeze. Contudo as justificativas culturais dessa integração, representam uma extrapolação da realidade (Macamo & Duarte 1996: 563).

O registo relacionado com as tradições orais levou a que Macamo & Duarte (1996: 563) relacionassem a construção do Songo com a dinastia Nhampando. A dinastia Nhampando datada por volta de 1720 teria transferido a sua capital para a área Norte do planalto do vale do Zambeze durante o séc. XVIII (Beach, 1980; Castelo 2015). Este período também coincide com uma das datas obtidas a partir do C14, resultante das escavações realizadas por Solange Macamo, entre 1995 e 2001, correspondendo à um período da presença humana na estação arqueológica do Songo, entre os séculos XVIII e XIX AD (Macamo 2006: 192-194).

Rodrigues (2009: 207) refere que as datações dos restos de carvão fornecidos na sequência da intervenção arqueológica no Songo, concretamente no complexo do forno, colocaram-nas depois de calibradas, entre os séculos XV e XVII AD, isto é, muito provavelmente ao longo de duzentos anos. O facto permitiu considerar que o recinto amuralhado do Songo teria sido ocupado desde o início da segunda fase da Idade de Ferro Superior, tal como parece assinalar a maioria dos atributos da temática decorativa patente na cerâmica recolhida no local.

Por seu lado, Castelo (2015: 61-68) sugere que o período de ocupação tardia do Songo não deve corresponder à construção e primeira utilização do local. As datações obtidas pela escavação de 1995-2001, não só possibilitam considerar a tese de continuidade da actividade humana no Songo, como também permitem estender essa ocupação humana até aos inícios do séc. XVIII. Todavia, para Castelo, devido aos intervalos de confiança obtido, continua a não ser inequívoca a não existência de descontinuidades, nomeadamente entre um primeiro momento e uma reocupação.

### **3.5. Funções dos amuralhados associados à Tradição Zimbabwe-Khami**

No tocante à função da arquitectura Zimbabwe argumenta-se que, a mesma tinha como papel restringir as áreas da elite dirigente dos demais e para destacar a sua autoridade e poder (Hall 1987; Macamo 2006; Manyanga 2006; Pikirayi 2013; Chirikure *et al* 2018). Assim, de acordo com vários estudos realizados no Grande Zimbabwe, as muralhas exibiam o poder do Estado e os êxitos da classe reinante. A localização do Songo na parte central do planalto, em particular, evidencia a sua posição privilegiada. Havendo indicação de manipulação do ambiente pela elite local (Macamo 2006; 2011).

O Grande Zimbabwe, por seu lado, como centro de poder destaca-se, mais tarde, pelo número de *ndares* (pátios centrais): espaços largos e abertos, sem ocupação, entre o monte e a parte sul da cidade central. Os líderes discutiam problemas da nação, resolviam disputas entre os membros da população, questões políticas e outros assuntos de interesse social (Macamo 2006: 111-112).

A partir de algumas funções da arquitectura, as quais são atribuídas ao Grande Zimbabwe, pode-se estabelecer um paralelismo no caso da construção em plataforma do Songo, especialmente quanto ao papel deste como um centro de poder regional (Lugar central). As muralhas simbolizavam, provavelmente, o poder da classe reinante sobre o resto da população que vivia ao redor.

Segundo Rodrigues (2009: 209) a construção do Songo num lugar bem defendido graças à evolvente geográfica ou meio ambiente não terá traduzido apenas a ostentação do poder Shona-Karanga, mas também teria a função de proteger o culto territorial, bem como possibilitar a realização de cerimónias mágico-religiosas. Estas teriam, dentro deste controlo, o objectivo de

captar as boas vontades dos espíritos (os *musimu*), associados à definição territorial do Estado Mutapa, além da procura de uma dada unidade política.

Refira-se que, a história de investigação arqueológica no Songo remonta à um estudo realizado em 1937, pelo antropólogo português Santos Júnior, no âmbito da Segunda Campanha da MAM (Santos Júnior 1940, 1941).

O estudo acima mencionado, embora tenha contribuído para o conhecimento da existência do Songo, o mesmo apenas limitou-se à efectivação de uma descrição pouco detalhada da construção, baseada em um relato via tradição oral feito por Gabriel de Sousa, o qual durante o período dos prazos da Coroa desempenhava a função de delegado da companhia de Zambeze, em Chicoa. Por outro lado, dada a escassez de tempo, como relata Santos Júnior, não foi possível visitar a estação (Santos Júnior 1940: 48-50). Estação essa, que foi intervencionada ainda durante a época colonial e mais tarde, no período pós independência, conforme os resultados indicados nas secções que se seguem.

### **3.6. Resultados das intervenções arqueológicas no Songo, durante o período colonial**

O local onde se encontra o Songo foi intervencionado pela primeira vez por uma equipa da antiga JIU liderada pelo geólogo Miguel Ramos entre 1971 e 1972 (Macamo 2006; Castelo 2015). A visita da JIU ao Songo surgiu na sequência de ter sido reportado neste lugar, a existência de um recinto amuralhado em 1937 por Santos Júnior, durante a sua segunda campanha da MAM (Santos Júnior 1940, 1941). Segundo Ramos este amuralhado “poderia ser uma construção relacionada com a «Cultura Zimbabwe Monomotapa» (Ramos 1973, 1980). Entretanto, ao invés de Monomotapa, o termo que melhor se adequa como sugere Pikirayi (1993) é o de Mutapa.

Os resultados das investigações realizadas no Songo foram publicados nos anos 1973, 1979 e 1980, pelo geólogo Miguel Ramos. Estes estudos indicam que, no local onde se encontra o Songo, teriam sido efectuados trabalhos de salvaguarda arqueológica inseridos no quadro da implementação do projecto de construção da Barragem de Cahora Bassa (Ramos 1973, 1979, 1980). A construção da barragem não apenas contribuiu negativamente para a mudança das condições naturais de uma área muito vasta dessa região como também provocou grandes

impactos sob ponto de vista científico ao por em risco de destruição uma enorme quantidade de evidências histórico-arqueológicas, geográficas, biológicas e geológicas (Macamo 2006: 183).

Os trabalhos da equipa da antiga JIU liderada por Miguel Ramos no Songo decorreram em duas campanhas distintas, a primeira das quais em 1971 e a segunda em 1972. Na primeira campanha, procedeu-se à recolha dos artefactos líticos e cerâmicos à superfície. Na fase da escavação, definiu-se a Camada 2, a qual permitiu ainda a recolha de alguns fragmentos cerâmicos que inicialmente encontravam-se à superfície. Todos os fragmentos cerâmicos foram registados, fotografados e desenhados *in situ* (Ramos 1973; Rodrigues 2009).

Durante a segunda campanha arqueológica Ramos e sua equipa encontraram diversos vestígios arqueológicos tais como: instrumentos líticos, fragmentos de cerâmica e pedaços de escória de ferro fundido. A cerâmica decorada com formato geométrico foi associada à cultura Zimbabwe (Ramos 1980). Por outro lado, Ramos realizou um estudo no recinto amuralhado do Songo, que incluiu um levantamento da área circundante. Esta investigação resultou na classificação da estrutura como sendo parte da Cultura Zimbabwe Mutapa (Ramos 1973, 1980).

Todavia, as escavações realizadas em 1996 por Macamo e Liesegang, mostraram a necessidade da continuidade dos trabalhos, para uma melhor compreensão da identidade arqueológica do Songo em relação à Tradição Zimbabwe-Khami (Macamo 2006).

Os estudos realizados entre 1971 e 1972 por Ramos não apresentaram uma cronologia referente ao Songo com vista a sustentar as constatações sobre o período Zimbabwe Mutapa (Macamo 2006: 111). Contudo, é razoável concordar que esta designação mostra o desenvolvimento do período Zimbabwe para o período Mutapa (Macamo 2006; Pikirayi 1993). Este aspecto em si ajudou a mostrar a evolução da construção no Songo. Similarmente, outros elementos de análise efectuada por Miguel Ramos não incluíram os estilos arquitectónicos, como parte da Tradição Zimbabwe-Khami (Macamo 2006: 111). Desta forma, pode-se depreender que, os trabalhos realizados no Songo até a independência dedicaram pouca atenção ao estudo da arquitectura não somente do ponto de vista do estilo arquitectónico como também da técnica de construção e das prováveis funções dos diferentes compartimentos.

### **3.7. Resultados das intervenções arqueológicas no Songo após a independência**

Na década dos anos 1980, o recinto amuralhado do Songo foi visitado pela equipa do extinto Serviço Nacional de Museus e Antiguidades (SNMA) liderada por Ricardo Teixeira Duarte. A equipa do SNMA efectuou a documentação deste recinto amuralhado que consistiu no registo fotográfico e na sua descrição detalhada (Macamo & Duarte 1996; Macamo 2006).

Entre 1995 e 2001, a estação arqueológica do Songo foi novamente intervencionada e estudada, no âmbito do projecto Sida-SAREC (Macamo 2006: 184). Os estudos realizados incidiram essencialmente nas questões referentes à tradição cerâmica, análise estratigráfica e datação do amuralhado. Estas investigações tinham em vista aprofundar o conhecimento acerca da identidade arqueológica do Songo em relação à Tradição Zimbabwe-Khami. As escavações foram dirigidas por Solange Macamo e os seus resultados publicados em 2006 e 2011 (Macamo 2006, 2011).

No prosseguimento das investigações no âmbito do projecto Sida-SAREC, em 1995 efectuou-se uma visita à Chicoa (próximo de Cahora Bassa), visando avaliar possíveis evidências da existência de uma antiga capital do Zimbabwe-Mutapa. No entanto, não se obteve nenhum resultado a respeito disso, visto que, Chicoa encontrava-se submerso devido ao impacto do projecto de construção da Barragem de Cahora Bassa (Macamo 2006: 184). Algumas fontes sugerem que, em meados do séc. XVIII, o *Mwenemutapa* terá mudado a sua capital para o vale do Zambeze, numa colina próxima à região de Tete, que poderá eventualmente indicar o Songo, onde se encontra situado o recinto amuralhado (Castelo 2015: 69).

Entre 1995 e 1996 efectuou-se mais de 10 sondagens, tendo sido recuperadas amostras de carvão para datação. As amostras foram posteriormente examinadas pela Universidade de Uppsala, na Suécia. (Macamo 2006; Castelo 2015)

A área escavada compreende 23 m<sup>2</sup> onde foi possível identificar fragmentos de cerâmica alguns dos quais decorados. e ainda a escória de ferro e restos de carvão (Macamo 2006: 192). Neste trabalho não houve relatos de existência de objectos importados (Castelo 2015: 63). Todavia, a escavação de 1995 no Songo mostrou a necessidade de se dar continuidade aos trabalhos para uma melhor compreensão da arqueologia da área. De 1997 a 1998, a campanha arqueológica

levada a cabo no Songo, limitou-se apenas à elaboração de uma planta topográfica (Macamo 2006: 192).

Em 2001, por seu turno, Paul Sinclair, da Universidade de Uppsala e Jan Risberg da Universidade de Estocolmo, ambos da Suécia, visitaram o Songo, na companhia de Solange Macamo, com o objectivo de identificar os processos secundários de deposição dos achados, assim como as actividades humanas na área de estudo (Macamo 2006; Castelo 2015).

A descrição da arquitectura do Songo feita por Solange Macamo apresenta elementos novos, desconhecidos até então (Castelo 2015: 63). Do lado Ocidental da plataforma foi identificada uma acumulação de pedras, que já teria sido identificada por Ramos (1973) mas dada a escassez de tempo não foi possível realizar o seu estudo. Esta estrutura seria um depósito de sal o qual teria sido queimado e assim vitrificado (Macamo 2006: 190). No entanto, não foram retiradas amostras para datação e o relatório sobre este mesmo trabalho nunca foi publicado (Castelo 2015: 63-64).

O capítulo que se segue é sobre as características físico-geográficas da área de estudo, que complementam as fontes documentais apresentadas.

## CAPÍTULO 3. O CONTEXTO FÍSICO-GEOGRÁFICO NO QUAL ESTÁ INSERIDO O SONGO

O capítulo corrente, descreve resumidamente os aspectos que caracterizam sob o ponto de vista físico-geográfico a área do estudo, a partir dos quais é possível perceber o contexto ambiental no qual está inserido o Songo. Esta perspectiva multidisciplinar visa incorporar as fontes ambientais no estudo do Songo.

### 4.1. Localização geográfica do Songo

Songo localiza-se no Distrito de Cahora Bassa, na Província de Tete (15°36' 59" S & 32°46' 50" E). O local encontra-se em um afloramento rochoso numa distância de 130 km a noroeste da cidade de Tete e entre 10-12 km, a sul do rio Zambeze (Macamo 2006: 183, Fig. 1).

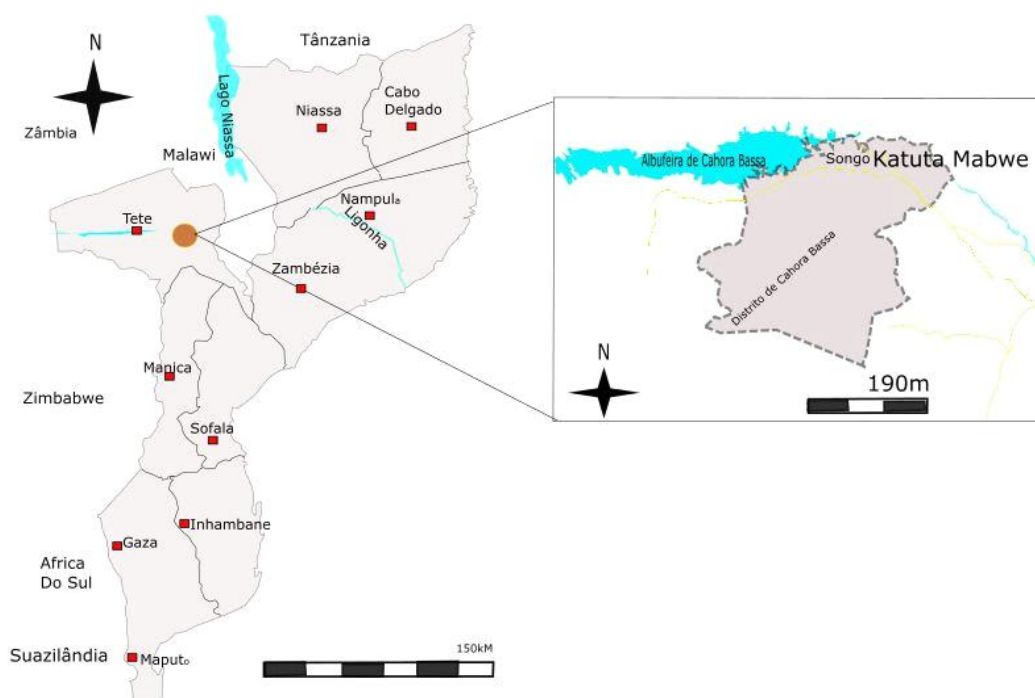


Figura 1. Mapa da localização do Songo (elaborado por Varsil Cossa 2019)

### 4.2. Condições climáticas do Distrito de Cahora Bassa

O clima predominante é do tipo “Seco de Estepe com Inverno Seco - BSw” (classificação de Köppen), modificado localmente pela altitude, com duas estações distintas: a estação chuvosa (muito curta) e a seca (muito longa). A precipitação média anual é de 635 mm, enquanto a evapotranspiração potencial média anual está na ordem dos 1.623 mm. A maior queda



pluviométrica ocorre sobretudo no período compreendido entre Dezembro a Fevereiro, variando significativamente na quantidade e distribuição, quer durante o ano, quer de ano para ano (MAE 2014: 1).

### **4.3. Hidrografia**

Cahora Bassa é definido principalmente pelas bacias hidrográficas dos rios Zambeze, Chirodze, Daque, Messanângua e Sacoke. Em Moçambique, a Bacia Hidrográfica do rio Zambeze ocupa uma área de 140.000Km<sup>2</sup>, abrangendo totalmente a província de Tete e parte das províncias da Zambézia, Manica e Sofala. A rede de drenagem natural é constituída fundamentalmente pelo rio Guto, ribeira de carácter torrencial que atravessa o planalto no sentido NE-SW, recebendo as águas de seus tributários, três em cada margem (MAE 2014: 1-2).

### **4.4. Geologia**

Songo situa-se na região sul-oriental de África e o principal sistema sismo-tectónico que atravessa o continente africano (rifts da África Oriental) tem influenciado a evolução geológica desta parte do continente. Trata-se do maior sistema rift continental, ao qual estão associados geneticamente um conjunto numeroso de lagos naturais, vulcanismo ultra-alcalino e fluxos térmicos de média e alta-entalpia (MAE 2014: 2).

Próximo da barragem, a seguir à foz do rio Nhacanzira, o rio Zambeze escavou um canhão no vale apertado, ainda jovem, em formações pertencentes ao Pré-câmbrico superior. Trata se de rochas predominantemente granito-gnaissicas e graníticas, onde ocorrem em locais de reduzida expressão afloramentos de rochas grabo-dioríticas e granulitos (MAE 2014; Rodrigues 2009).

As rochas com maior expressão local são as de tendência granítica, que incluem granitos com amplas características petrográficas, apresentando, frequentemente, disposições orientadas dos minerais, por vezes francamente gnaissica (MAE 2014: 2). As rochas graníticas ocupam extensas áreas, a sul do rio Zambeze (Rodrigues 2009: 24).

Predominam os granitos e gnaisses de tendência porfiroide e porfiroblástica constituídos, fundamentalmente por feldspato e quartzo, aquele, por vezes, em tom rosado. Ter-se-ão processado na região três fases tectónicas que terão dado origem a três sistemas distintos de feições estruturais, nomeadamente falhas, diáclases e outros tipos de alinhamentos não caracterizados (MAE 2014: 2-3).

#### **4.5. Relevo**

O Planalto da Serra do Songo desenvolveu-se na direcção Leste-Oeste a uma altitude média de 900 m. Rodeado a Sul, Este e Oeste por uma cintura de montes que atingem altitudes superiores a 100 m. O seu relevo é pouco uniforme e podemos distinguir uma zona central de relevo mais desenvolvido com afloramentos rochosos frequentes e uma zona envolvente de relevo irregularmente ondulado, com afloramentos rochosos mais localizados, por vezes importantes, que se prolongam pela vertente menos declivosa da cadeia de montanhas envolventes, formando, assim, pequenos planaltos secundários (MAE 2014: 3).

#### **4.6. Vegetação**

Na área onde se localiza o Songo, o tipo de vegetação era o de floresta aberta e de savana com predominância de espécies dos seguintes géneros: *Brachytegia* (árvore de várias espécies com frutos comestíveis), *Julbernadia* (árvore de média estatura) e *Uapaca* (árvore que dá frutos), e, entre outros, a espécie *Colophorpermum mopane* e várias espécies herbáceas que proporcionaram a pastorícia de caprinos e ovinos (Rodrigues 2009: 24).

Embora os recursos do planalto sejam limitados, a presença da população, cuja base económica é a agricultura e pecuária de subsistência, provocou a degradação do meio que se reflecte pela pobreza da cobertura vegetal existente e pelos sinais evidentes de erosão que se verificam em diversos locais, especialmente nos leitos e ribeiras e na zona central do planalto. Assim, nas zonas baixas “tando” que se formam ao longo da margem esquerda do rio Guto, as más condições de drenagem natural, determinam a formação de um estrado gramíneo com poucas espécies arbustivas ou arbóreas (MAE 2014: 3).

#### **4.7. Solos**

Os solos do planalto do Songo seguem, na sua formação, a lei geral dos solos tropicais em “catena”, diferenciando-se pela cor e textura segundo a topografia a partir do mesmo material originário. Assim, localizam-se nas baixas solos cinzentos com horizontes “grey” ricos em matéria orgânica, húmidos, de textura ligeira e fraca estrutura, seguindo-se com o aumento de declive solos amarelos, laranja ou alaranjados e finalmente vermelhos, progressivamente com melhor textura e melhor estruturados (MAE 2014: 4).

Apresentadas as fontes ambientais, torna-se necessária a caracterização dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami, conhecidos em Moçambique e na região, para melhor contextualização do estudo do Songo.

## **CAPÍTULO 4. DESCRIÇÃO GERAL DOS PRINCIPAIS AMURALHADOS DA TRADIÇÃO ZIMBABWE-KHAMI, EM MOÇAMBIQUE, ÁFRICA DO SUL E NO ZIMBABWE**

Neste capítulo é efectuada a descrição dos principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami identificados em Moçambique, África do Sul e no Zimbabwe, designadamente Manyikeni, Niamara, Songo, M'bire Nhantekwe, Mapungubwe, Grande Zimbabwe e Khami. Com este procedimento, pretende-se compreender as configurações das estruturas acima mencionadas com vista a identificar as possíveis semelhanças e diferenças nelas existentes. Este procedimento visa também proporcionar elementos para a interpretação das prováveis funções do Songo, numa base comparativa.

### **5.1. Moçambique**

#### **a) Manyikeni**

O amuralhado de Manyikeni, situa-se a 25 km de Vilanculos, à Nordeste da Província de Inhambane. Este amuralhado faz parte do complexo da Tradição Zimbabwe-Khami. Até à data em que foi feita a identificação do *Ngomeni* (2014), Manyikeni era tido como o único amuralhado localizado relativamente próximo da planície costeira (Sinclair 1987: 91). O principal recurso geológico usado para a sua construção é o calcário do afloramento das planícies. O amuralhado possui uma forma elíptica, com cerca de 50 m de largura e 65 m de comprimento. Originalmente, as paredes desta estrutura tinham cerca de 1.50 m de altura, contendo três entradas, uma das quais é redonda (Macamo 2011: 1-3).

O amuralhado de Manyikeni tem seis divisórias, igualmente conhecidas por muralhas radiais (Macamo 2011: 3). À semelhança de Manyikeni, no Songo também identificou-se a existência de muralhas radiais (Macamo 2006, 2011).



Figura 2. Recinto amuralhado de Manyikeni (Macamo 2006)

### **b) Niamara**

O amuralhado de Niamara localiza-se no Distrito de Bárue, na Província de Manica, perto das divisórias das águas entre as drenagens dos Rios Púngue e Zambeze (Macamo 2006: 212). Esta posição difere de outros amuralhados, uma vez que a distância é considerável, tanto em relação à um grande rio (o rio Zambeze), como à zona costeira. O rio Nhacangara é o maior da Serra Choa, onde se posicionou o amuralhado de Niamara (Macamo 2011: 4).

A existência de xisto que contrasta com a dureza do granito, possibilitou que a construção do amuralhado de Niamara fosse de um estilo pouco diferente do comum. A *dhaka* pode ter sido usada para cimentar as paredes do amuralhado e as próprias casas onde vivia a elite foram feitas também de pedra, ao contrário da habitual estaca da tradição Zimbabwe-Khami. A complexidade das construções em Niamara mencionadas por Wiechhoff em 1941 desafia qualquer descrição, tendo-as designado de castelo (Macamo 2006, 2011).

De acordo com a interpretação feita por Wiechhoff em 1941, Niamara, provavelmente teria sido uma pequena cidade com cerca de 30 casas, das quais 9 ou mesmo 10 estavam localizadas dentro do principal amuralhado (Oliveira 1973: 39).

O amuralhado de Niamara divide-se em duas partes: (a) a parte elevada do norte com construções complexas (“castelo”); (b) a parte baixa do sul, onde foram encontradas diversas

fundações de casas de *dhaka* (Wiechhoff 1941: 39). Pelo menos seis monólitos similares aos do Grande Zimbabwe foram encontrados na parte norte do amuralhado (Macamo 2011: 4).

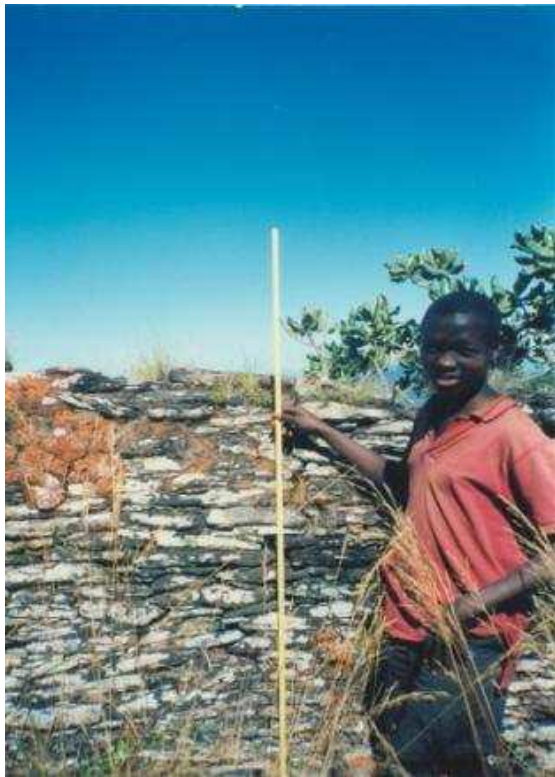


Figura 3. Amuralhado de Niamara (Macamo 2006)

### c) M`bire Nhantekwe

O Zimbabwe *Nhantekwe* de barro, “o Mwana Matope ou Monomotapa”, como foi chamado pelos portugueses, encontra-se localizado numa floresta espinhosa do Distrito de Zumbo, na Província de Tete. Presume-se que o local onde se encontra o *M`bire Nhantekwe* teria sido uma das capitais do Estado Mutapa (Grilo 1968: 17-18).

Santos Júnior identificou um culto chamado *dzimbagwe* usado em momentos de calamidade, em que a população se juntava por uma a duas semanas, rezando para os antepassados. Havia neste local, uma árvore chamada *m, tchenge*. Os chefes Mutapa eram alí enterrados e o local deveria ser um cemitério (Macamo 2006: 204-206).

Venez Grilo (1968: 15-19) descreve o lugar, onde o mesmo efectuou uma prospecção juntamente com o Engenheiro Sales Grades. Contudo, não conseguiu indicar o sítio no mapa com devida precisão. Por sua vez, David Beach em 1994, entrevistou Sales Grades e Rita Ferreira na cidade portuguesa de Lisboa. Segundo esta entrevista, o amuralhado era de barro, com cerca de 5000 m

de circunferência. O túmulo a sul do embondeiro era muito alto e também feito de barro. A longa árvore encontrada a sudoeste era chamada de igreja por um capataz local. (Macamo 2006: 206),

#### **d) Songo**

A plataforma do Songo foi construída numa posição central do planalto, sendo rodeado de montanhas, o que contribuiu para formação de uma paisagem cultural peculiar (Macamo 2011: 5). Os habitantes de Songo da época, teriam escolhido um lugar privilegiado dada as condições que esta parte do vale do Zambeze favorece para a prática da agricultura e uma fixação permanente (Macamo 2006).

O Songo sob ponto de vista arquitectónico, trata-se de uma construção de granito pertencente à Tradição Zimbabwe-Khami (Macamo 2006, 2011). “O granito no distrito de Cahora Bassa formou-se entre o Pré-Cambriano e início do Paleozóico e aparenta uma cor acastanhada devido à presença de óxido de ferro na região. A abundância desta rocha fez com que fosse preferida na construção, como se pode verificar no Songo e em construções vizinhas em diferentes épocas históricas. A estrutura foi constituída por um aterro ou embasamento de blocos de pedra e terra que assentavam sobre um afloramento rochoso, sobre o qual construiu-se a plataforma, de forma elíptica” (Anexo 1.2, (Castelo 2015: 64), conforme será discutido no capítulo 5.

## **5.2. África do sul**

### **Mapungubwe**

Mapungubwe foi um centro de poder político situado no topo de uma montanha (Fig. 4), na margem sul do rio Limpopo (Macamo 2009; Huffman 2000), tendo sido anteriormente descrito como "a primeira capital da cultura Zimbabwe" (Huffman 1982: 146). Por conseguinte, foi também interpretado como sendo a primeira fase da tradição Zimbabwe-Khami (Huffman 2000: 14). Todavia, recentemente, alguns autores consideraram que a Tradição Zimbabwe desenvolveu-se inicialmente no sudoeste do Zimbabwe entre os rios Shashe e Limpopo, mais concretamente em Mapela Hill (1050-1400 AD) (Chirikure *et al* 2014: 1). Nesse sentido, Mapungubwe não pode ser mais visto como o único berço da cultura zimbabwe (Chirikure *et al* 2014: 17). Contudo, os estilos de arquitectura e as funções dos diversos compartimentos de Mapela Hill ainda deverão ser desvendados, à semelhança de Mapungubwe, Grande Zimbabwe e

Khami, o que a acontecer vai ajudar também a comparar com Songo (Macamo comunicação pessoal 2020).



Figura 4. Mapungubwe: um recinto amuralhado situado no topo da montanha (Huffman 2009)

Mapungubwe, sob ponto de vista arquitectónico consiste em quatro tipos de construção nomeadamente: o tipo Mapungubwe, o tipo Dhlo-Dhlo, o tipo fortificação, e o tipo Dzata. No Tipo Mapungubwe as pedras nunca assentam uma em cima da outra, nem estão colocadas regularmente. As fiadas não obedecem a qualquer método de construção. Este tipo de construção não apresenta nenhuma ornamentação, sendo que o seu formato é circular (Macamo 2003, 2009).

No Tipo Dhlo-Dhlo a alvenaria consiste em finas pedras juntas, colocadas regularmente, geralmente bem niveladas. Há presença de ornamentação evidenciada pelo arranjo de pedras ou pela inclinação de uma fiada de uma só cor. A similaridade marcante entre este tipo de construção com os amuralhados de Dhlo-Dhlo e Natlatali sugere uma origem comum. O tipo fortificação apresenta similaridades com a do tipo Mapungubwe, sendo robustecido. As pedras são face a face e geralmente circundam palhotas. Ocasionalmente os amuralhados e as fortificações são encontrados associados (Macamo 2003: 47-48).

No tipo Dzata, não há ou a construção é considerada como sendo aparente, evidenciando-se uma selecção de pedras as quais deviam ser colocadas uma em cima da outra e não para preencher camadas de pedra. O resultado é geralmente a arrumação, o arranjo e ordenação, embora pouco frequente. O acabamento das muralhas é frequentemente quadrado, com faces em ambos os lados, sendo espessas (Macamo 2003: 48)

### **5.3. Zimbabwe**

#### **a) Grande Zimbabwe**

O Grande Zimbabwe está situado perto de Masvingo (Forte Vitória) na actual República do Zimbabwe (Pikirayi 2013: 288). Não há dúvidas de que o Grande Zimbabwe (Fig. 5) herdou as funções de Mapungubwe, tido inicialmente como a primeira capital Zimbabwe (Huffman 1982: 146). O Grande Zimbabwe é assim chamado para evitar confusão com o nome do país, sendo uma das maiores estações arqueológicas da África (Connah 1987: 192).

As evidências arqueológicas indicam que o Grande Zimbabwe foi um centro urbano com cerca de 11 a 20 mil habitações entre os séculos XIII e XV, o mesmo número de habitantes que Londres na mesma época (Hall 1987; Macamo 2009).

Os amuralhados (*madzimbahwe*) ocupam uma área de cerca de 720 hectares e dividem-se em quatro partes: 1) O Complexo do Monte (*Hill Complex*) ou acrópole que se encontra a uma altitude de cerca de 1000 m; 2), o Grande amuralhado (*Great Enclosure*) com uma circunferência de 250 m 3), as ruínas do vale; 4) e a zona periférica onde existem outros amuralhados (Ndoro 2001; Pikirayi & Chirikure 2008; Pikirayi 2013).

O Grande Zimbabwe é uma das estações arqueológicas da região Austral de África que mais atenção teve por parte de vários investigadores. Em 1871 Carl Mauch acreditava que as construções em pedra tinham sido feitas sob instruções da Rainha do Sabá. Outros escritores atribuíram a obra aos árabes, fenícios ou egípcios (Ndoro 1997, 2001). Outros ainda relacionaram as ruínas com a presença europeia (Barradas 1972). Contudo, trabalhos arqueológicos por profissionais revelaram que as construções são genuinamente africanas (Ndoro 1997, 2001; Macamo 2006).





Figura 5. O Grande Zimbabwe evidenciando a relação entre as construções em pedra e a componente natural (Pikirayi 2013).

### **b) Khami**

Khami situa-se a sudoeste do Zimbabwe, em Bulawayo (Fig. 6). Provavelmente Khami teria herdado as funções do Grande Zimbabwe a partir do século XV e floresceu até ao século XVII, como capital do Estado Torwa (Pikirayi 2013: 293). As ruínas de *Khami* constituem o estilo Khami de construção em plataforma (Robinson 1959; Hall 1987; Pikirayi 2013). As construções de Khami possuem cerca de 6 m de altura, 24 m de diâmetro, e apresentam três vestígios de casas no topo da plataforma (Hall 1987; Ndoro 2005).

Em Khami foram identificadas as seguintes ruínas: *Monolith Ruins*; *Cross Ruins*; *Passage Ruins* e *Hill Complex*. Há ainda *Precipice Ruins* (passagem profunda e difícil), cujas fundações da parede encontram-se submersas nas águas de um reservatório, sendo a parede com as mais belas decorações de Khami e *Valei Ruins* (Hall 1987; Ndoro 2005). Huffman (1982) sugere que em Khami provavelmente teriam vivido cerca de 2000 habitantes.



Figura 6. Khami: uma construção em plataforma identificada em Khami, na actual República do Zimbabwe (Pikirayi 2013).

A arquitectura Khami é encontrada também em Danamombe (Dlho-Dlho), Naletale, entre outras estações arqueológicas na República do Zimbabwe (Sinclair 1987; Pikirayi 1993, 2013). Em Moçambique o tipo de construção Khami encontra-se em Songo e Niamara, nas províncias de Tete e Manica respectivamente (Macamo 2006, 2011). O estudo deste estilo reveste-se de particular interesse para a interpretação das prováveis funções do Songo.



Figura 7. Mapa com a distribuição geográfica dos principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami, na África Austral mencionados neste trabalho (elaborado por Varsil Cossa 2019).

O estudo exaustivo dos tipos arquitectónicos das principais estruturas arquitectónicas da Tradição Zimbabwe-Khami, em particular o tipo em plataforma, em Khami, permite a interpretação, no capítulo que se segue, sobre as prováveis funções do Songo.

## **CAPÍTULO 5. AS PROVÁVEIS FUNÇÕES DA PLATAFORMA DO SONGO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

No decorrer deste capítulo, procede-se uma breve caracterização da estrutura em plataforma do Songo, na tentativa de interpretação das prováveis funções dos seus diferentes compartimentos. Por outro lado, estão apresentados algumas tabelas sobre a tipologia dos amuralhados Zimbabwe que se baseou nos seguintes critérios: tipo de construção, técnica de arquitectura, classe e função, estando ilustrados os gráficos percentuais relativos aos tipos de construção e às técnicas de arquitecturas dos amuralhados Zimbabwe aqui descritos. Além disso, apresenta-se um quadro que estabelece a sequência cronológica dos recintos amuralhados mencionados neste trabalho e por último a discussão.

### **6.1. A plataforma do Songo**

O Songo consiste numa construção em plataforma de pedras sobrepostas de granito de forma elíptica, medindo 51-2 m de Norte a Sul, e 70-45m de Leste a Oeste, por cima das quais tinham sido construídas as casas de habitação de estaca e *dhaka*, pertencentes a elite dominante. Actualmente, ainda são visíveis vestígios de quatro soalhos destas habitações. Entre uma distância de 500 a 800 m para o nordeste do amuralhado há vestígios de vegetação verdejante. Neste local, provavelmente havia uma fonte de água. Restos de quatro soalhos de *dhaka* são visíveis na plataforma com uma forma circular. O único situado na parte sul da plataforma não é tão claro como os outros, mas a *dhaka* e escória se encontram espalhadas na superfície. Uma estrutura de habitação rectangular também foi encontrada, sugerindo um contacto asiático ou europeu posterior no local (Macamo 2006: 189-190).

Na parte sudoeste há seis pedregulhos que circundam a plataforma dando a ideia da continuação da construção. Em semelhança com Manyikeni, no Songo também há divisórias em forma de muralhas radiais, onde foram encontrados quatro soalhos de casa de *dhaka*. A plataforma do Songo é inclinada em direcção a Norte e está situada a cerca de 7-8 m acima da superfície da terra circundante (Macamo 2006: 190).

Ainda na parte Norte, a zona da entrada estava coberta de blocos de pedra e a partir dela desenvolvia-se um corredor ou rampa onde ainda se verificava grande parte da estrutura primitiva de alvenaria que formava e consolidava as partes laterais. Esta é uma das

características do tipo de construção Khami, encontrado na actual República do Zimbabwe (Robinson 1959: 11).

Nas áreas mais intactas é ainda possível perceber que se está perante uma construção classificada de “P” (Fig. 8) por Whitty em 1961. Whitty desenvolveu a ideia segundo a qual as muralhas de pedra do Grande Zimbabwe apresentam várias fases ou tipos de construção, sendo a ‘P’ caracterizada pela construção das paredes a partir de blocos dispostos horizontalmente. No entanto, apesar das várias etapas de construção terem um significado cronológico distinto no Grande Zimbabwe, o mesmo pode não acontecer nas estações arqueológicas identificadas a Norte do planalto (Castelo 2015: 64). As estações como *Nhunguza* e *Zvongombe* por exemplo, apresentam muralhas do tipo P, PQ, e Q em sequência, sem qualquer evidência de uma ruptura temporal clara (Pwiti 1996: 39). Assim, torna-se difícil assegurar uma cronologia exacta a partir deste método de observação (Castelo 2015: 64).

Ao norte ainda é visível na entrada uma escada de 20,6m de comprimento e 7,6m de largura com pelo menos dois degraus preservados no lado de cima. Esta escada provavelmente teria sido completa ou parcialmente coberta por um telhado com uma porta à entrada. No lado superior, dois degraus eram visíveis e anteriormente pudesse haver mais. Árvores crescendo dentro da escadaria e a presença de abelhas em um buraco, tornam a entrada inacessível (Macamo 2006: 189), o que teria contribuído para a preservação do sítio ao longo dos tempos.

De um lado da escada, ainda era visível uma parede, correspondendo à classificação P. feita por Whitty as muralhas da tradição Zimbabwe (Ramos 1980: 355-356), enquanto o resto da parede do sítio desmoronou (Macamo 2006: 189).

No extremo Sudoeste, também o ponto mais alto do recinto, sobressaía um núcleo de blocos de rochas graníticas. A zona Sul encontrava-se quase destruída, mas a estrutura ligava-se com o afloramento rochoso que lhe servia de suporte (Castelo 2015: 65). A Oeste a situação era idêntica mas “tudo aponta que parte de uma estrutura (cercado?) em alvenaria estava destruída, dada a grande quantidade de pedra que nessa área era visível na plataforma superior do amuralhado” (Rodrigues 2009: 103). A intervenção de 1995-96 veio esclarecer esta situação, concluindo ser um depósito de armazenamento de sal que se fundiu quando a plataforma foi queimada (Castelo 2015: 65).



No local, identificou-se ainda uma estrutura a qual foi interpretada como sendo um “complexo do forno de fundição” (Rodrigues 2009: 125). Esta estrutura situava-se no lado direito da entrada do recinto amuralhado (Anexo 1.3). Na área emergiam grandes fragmentos de *dakha*, parcialmente cobertos por areia grossa e que seriam os alicerces da estrutura (Anexo 1.4). Regista-se uma sucessão de estruturas e subestruturais interligadas, distribuindo-se por uma área correspondente a 73m<sup>2</sup> (Rodrigues 2009; Castelo 2015).



Figura 8. Zonas intactas da muralha do corredor da entrada à plataforma do Songo (adaptado e modificado de Rodrigues 2009 por Castelo 2015).

## **6.2. Prováveis funções dos diferentes compartimentos do Songo**

Os amuralhados Zimbabwe foram interpretados por diversos investigadores como tendo sido construções de prestígio e ostentação do poder da elite dirigente com uma função religiosa essencialmente relacionada com o poder político (Beach 1980; Pikirayi 2013; Chirikure *et al* 2018). A divisão e estratificação social se encontram muito bem evidenciadas nas construções em pedra identificadas no Grande Zimbabwe, com uma divisão clara dos espaços para a religião e ritos de iniciação, para a actividade metalúrgica e do espaço sepulcral dos antepassados do chefe (Castelo 2015; Huffman 2011).

Neste trabalho, no entanto, pretende-se perceber em particular, as prováveis funções dos diferentes compartimentos do Songo. Os compartimentos do Songo incluem: a plataforma em si, as escadas, os quatro (4) vestígios de *dhaka*, a estrutura rectangular e o pedregulho.

À semelhança do que foi referido anteriormente, a plataforma deveria ser o suporte das casas de *dakha* onde habitava a elite dirigente, sendo que no seu exterior habitava o resto da população como terá sido observado em Khami (Robinson 1959; Hall 1987; Pikirayi 2013).

As escadas, obviamente eram a via principal para o acesso à plataforma do Songo. Escadas similares a estas, também foram encontradas em Niamara (Macamo 2006, 2011).

Relativamente aos quatro vestígios de casa de *dhaka*, pode-se considerar a hipótese de que originalmente, estas casas poderiam ter sido separadas por muralhas radiais. Similarmente em Manyikeni também foram encontradas as muralhas radiais (Macamo 2011: 3). As muralhas radiais separavam as residências da elite, no interior do amuralhado (Macamo com. Pessoal, 2019).

A estrutura rectangular foi interpretada como sendo um depósito de armazenamento de sal que se fundiu quando a plataforma foi queimada (Macamo 2006: 189-190).

O pedregulho (formação natural) foi incorporado na estrutura dando a ideia de contiguidade da construção (Macamo 2006, 2011), como acontece em Mapungubwe (na actual República Sul africana). Técnica essa, que levou a designação de construção do tipo *dzata* (Macamo 2009: 52).

### 6.3. Tipologia e funções dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami

#### Manyikeni

Tabela 1. Classificação tipológica do amuralhado de Manyikeni

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
<i>Free-standing Wall</i>	Zimbabwe	Calcário	Não aplicável	Centro regional do Estado do Grande Zimbabwe, para o comércio com o Índico

## Niamara

Tabela 2. Classificação tipológica do amuralhado de Niamara

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
<i>Retaining Wall</i>	Khami	Xisto	Não aplicável	Lugar do Chefe

## Songo

Tabela 3. Classificação tipológica do amuralhado de Songo

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
<i>Retaining Wall</i>	Khami	Granito	Não aplicável	Habitacões da elite; Armazém de sal; Fundição do ferro

## M' bire Nhantkwe

Tabela 4: Classificação tipológica do amuralhado de M' bire Nhantekwe

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
Desconhecido	Amuralhado de barro	Barro	Não aplicável	Local de cerimónias



## Mapungubwe

Tabela 5. Classificação tipológica do amuralhado de Mapungubwe

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
Mapungubwe Dhlo-Dhlo Fortificação Dzata	Zimbabwe	Granito	Não aplicável	Local de cerimónias

## Grande Zimbabwe

Tabela 6: Classificação tipológica do amuralhado de Grande Zimbabwe

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
<i>Free-Standing Wall</i>	Zimbabwe	Granito	<b>P</b> <b>Q</b> <b>R</b> <b>PQ</b>	Simbolizava o poder da classe reinante (Centro do poder)

## Khami

Tabela 7: Classificação tipológica do amuralhado de Khami em Bulawayo

<b>Técnica de arquitectura</b>	<b>Tipo de construção</b>	<b>Material de construção</b>	<b>Classe do amuralhado</b>	<b>Prováveis Funções</b>
<i>Retaining Wall</i>	Khami		Não aplicável	Capital do Estado Torwa

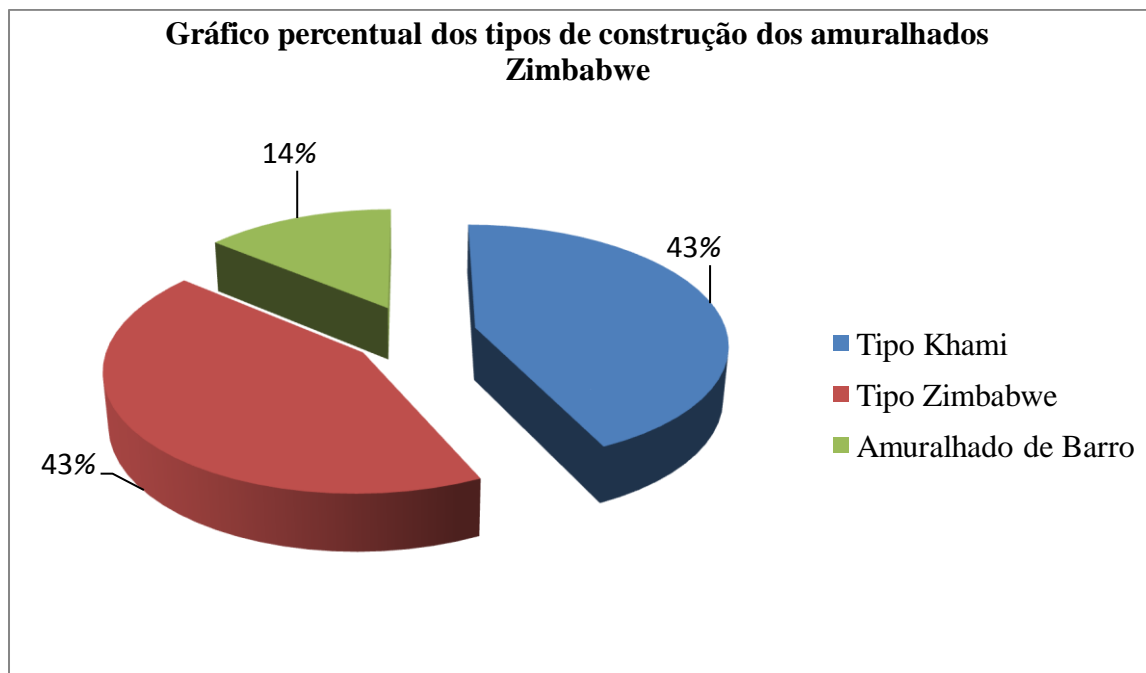


Figura 9. Tipos de construção dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami

O gráfico acima reporta os dados sobre os tipos de construção dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami. Num total de 7 estruturas em pedra, verificou-se que 3 delas, designadamente Songo, Niamara e Khami (correspondente a 43%) são do Tipo Khami. Três estruturas, nomeadamente Manyikeni, Mapungubwe Grande Zimbabwe são do tipo Zimbabwe (o que corresponde a 43%) e na restante percentagem se desconhece o tipo de construção.

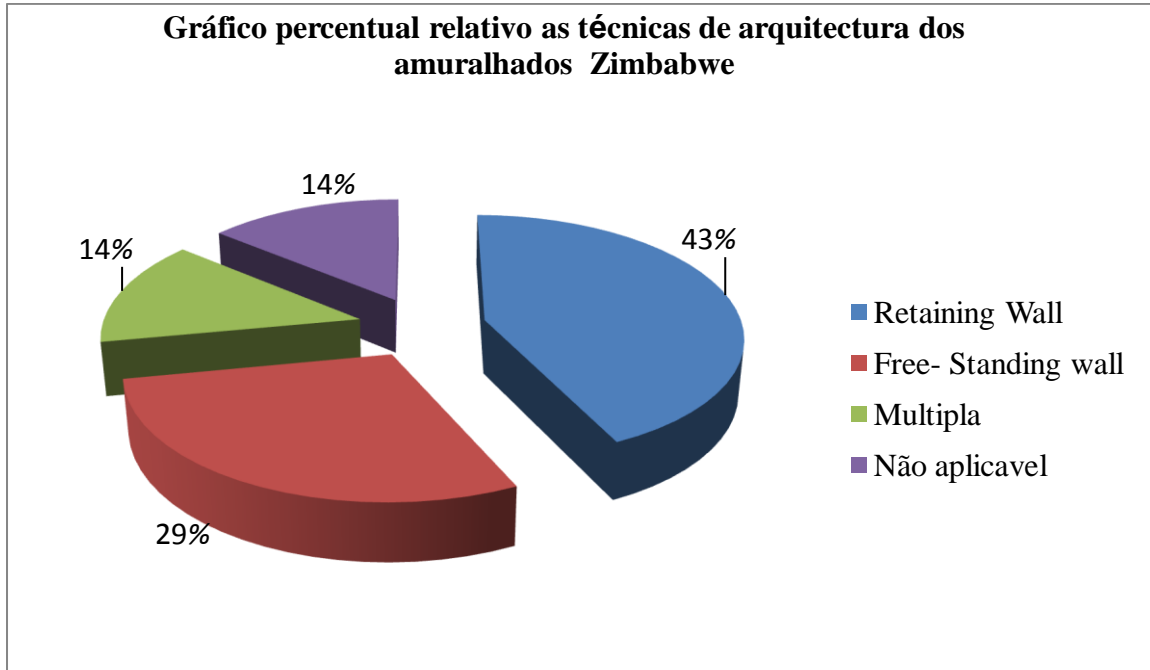


Figura 10. Técnicas de arquitectura dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami.

Num total de 7, constatou-se que em 3 construções está evidenciada a técnica de arquitectura de *Retaining Wall*, designadamente no Songo, Niamara e Khami (correspondente a 43%). Nas outras duas estruturas, foi usada a técnica de construção denominada *Free-stading Wall*, nomeadamente em Manyikeni e no Grande Zimbabwe (o que corresponde a 29%). Uma estrutura denominada por Mapungubwe, (correspondente a 14%) apresenta múltipla técnica de arquitectura e na restante percentagem se desconhece a sua técnica de arquitectura.

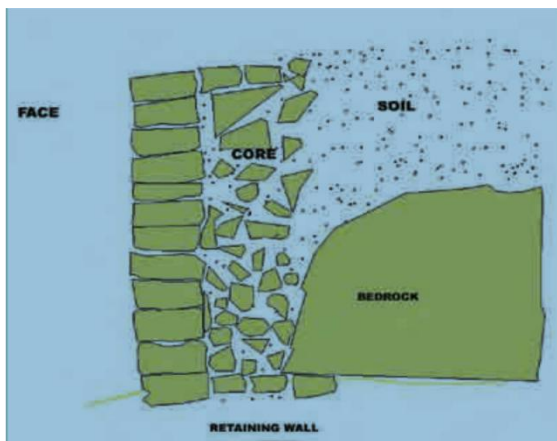


Figura.11. Ilustração de uma estrutura em plataforma do tipo Khami (Ndoro 2005)

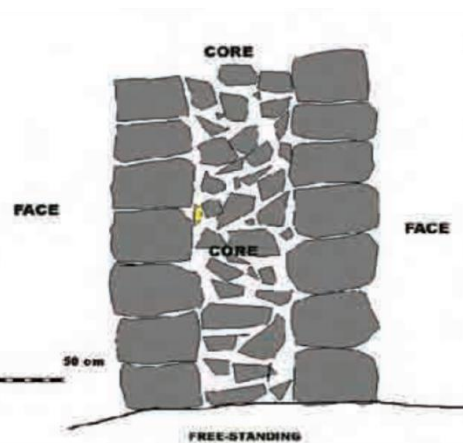


Figura. 12. Ilustração das componentes de uma estrutura em pedra seca sem argamassa do tipo Zimbabwe (Ndoro 2005)

#### 6.4. Cronologia dos principais amuralhados Zimbabwe em Moçambique e na África Austral

Tabela 8: Sequência cronológica dos principais amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami mencionados neste trabalho (Adaptado e compilado de Huffman 2000; Macamo 2006; Chirikure *at al* 2014).

Recintos Amuralhados	Sequência cronológica
Mapela Hill	1050-1400 (Séc. XI-XV)
Mapungubwe	1200-1220 (Séc. XIII)
Manyikeni	1200-1450 AD (Séc. XII-XV)
Grande Zimbabwe	1300-1450 AD (Séc. XIV-XV)
Khami	1450-1820 AD (Séc. XV-XIX)
Niamara	1400- (Séc. XV)
Songo	1770 (Séc. XVIII)
M'bire Nhatekwe	Desconhecida

#### 6.5. Discussão

O estudo sobre as ruínas do Songo já foi levado a cabo por alguns investigadores, um dos quais é o geólogo Miguel Ramos (1980). A partir de um exame preliminar, Ramos levantou a hipótese segundo a qual estas ruínas poderiam pertencer à Cultura Zimbabwe Monomotapa. De acordo com Ramos, as ruínas do Songo evidenciam uma influência “Zimbabwe-Monomotapa”, classificando-as como sendo uma construção Zimbabwe da classe “P” (Ramos 1980).

Por sua vez, Macamo & Duarte (1996: 562) consideram aceitável a hipótese de Ramos segundo a qual Songo pertence à cultura Zimbabwe embora não existindo um mecanismo para determinar correctamente o estilo da sua arquitectura. Contudo, argumentam que, a plataforma do Songo com as suas construções de *dhaka* é semelhante às Ruínas de Khami, datadas entre os séculos XV e XIX.

Numa outra abordagem Macamo (2006: 183-184) refere que, Ramos não conseguiu estabelecer a cronologia do Songo com vista a sustentar a sua hipótese. Similarmente, outros elementos da sua

análise relativamente aos estilos arquitectónicos não incluíram a Tradição Zimbabwe Khami. Nesse sentido, com base num exame da técnica de arquitectura e nas datações do C14 Macamo considera o Songo como uma construção em plataforma do tipo Zimbabwe-Khami, datado do século XVIII.

Recentemente, Rodrigues (2009) defendeu que o Songo pertence à Tradição Zimbabwe Mutapa e que o mesmo data entre os sécs XV e XVII. Esta última ideia é apoiada por Castelo (2015) baseada nas análises da cerâmica e em documentos históricos dos pioneiros portugueses. Consequentemente, a autora considera que o período de ocupação tardio resultante da escavação de 1995-2001 não deve corresponder à construção e primeira utilização do recinto amuralhado do Songo e que devido aos intervalos de confiança obtidos, continua não ser inequívoca a não existência de descontinuidades, nomeadamente entre um primeiro momento e uma reocupação.

Apesar desses esforços, esta constatação necessita de ser confirmada através da realização de estudos mais aprofundados no Songo, pois a mesma resulta das análises dos resultados preliminares obtidos por uma equipa da então Junta de Investigações Científicas do Ultramar (JIU)), através da BEPAVZ, liderada pelo geólogo Miguel Ramos entre 1971 e 1972. Esta equipa foi chamada a intervir em consequência da implementação do projecto de construção da Barragem de Cahora Bassa. Por outro lado, os materiais recolhidos durante esses trabalhos encontram-se depositados no Centro de Arqueologia e Pré-história do Instituto de Investigação Científica Tropical, em Lisboa (Macamo 2006).

Não obstante, a divergência nas interpretações das três autoras resultam do facto de terem usado modelos distintos nas suas análises.

Entretanto, o ponto de partida para a datação feita por Macamo (2006) teve como base as análises arquitectónicas que não constam das interpretações de Rodrigues (2009) e Castelo (2015). Rodrigues e Castelo nas suas análises baseiam-se em documentos históricos e na cerâmica. Por seu lado, Macamo não teve acesso à cerâmica do Songo que se encontra depositada no Centro de Arqueologia e Pré-história do Instituto de Investigação Científica Tropical, em Lisboa.

No que às funções do Songo diz respeito, Rodrigues (2009: 209) considera que a sua construção num lugar bem defendido graças à envolvente geográfica não terá sido apenas por questões de

ostentação do poder da elite, conforme sugerido por Macamo (2006). O posicionamento do Songo também teria a função de proteger o culto territorial, bem como possibilitar a realização de cerimónias mágico-religiosas. Em Moçambique, a maioria dos amuralhados Zimbabwe, conservam-se hoje como locais de culto (Meneses 2002). A partir dessa constatação se pode especular que o Songo também teria sido usado como um lugar de culto.

Relativamente à estrutura rectangular, sugere-se tratar de um depósito de armazenamento de sal que se fundiu quando a plataforma foi queimada (Macamo 2006: 189-190). Entretanto, não foram retiradas amostras para a datação e o respectivo relatório ainda não foi publicado.

## Considerações finais

Comparativamente à República do Zimbabwe, em Moçambique, o estudo da Tradição Zimbabwe-Khami relacionado particularmente com as prováveis funções dos diferentes compartimentos da construção em plataforma do Songo ainda não foi muito bem aprofundado e documentado.

Após a realização deste trabalho, constatou-se que o Songo é uma construção do tipo Khami como foi inicialmente interpretado por Macamo (2006, 2011), a partir dos resultados dos trabalhos efectuados especificamente entre 1995 e 2001, no âmbito do projecto de investigação arqueológica financiado pela Sida-SAREC. O tipo de construção Khami representa a continuidade da Tradição Zimbabwe no período Khami datado entre os sécs. XV e XIX (Huffman 2000; Pikirayi 2013). Porém, a Tradição Zimbabwe-Khami referido neste trabalho inclui apenas o estilo arquitectónico.

A constatação segundo a qual Songo é uma construção em plataforma (ou seja do Tipo Khami) contribuiu para a percepção das prováveis funções dos seus diferentes compartimentos. Este aspecto pode ser compreendido a partir da comparação da plataforma do Songo com outras estruturas similares identificadas em Moçambique e na região Austral de África, nomeadamente Manyikeni, Niamara, M`bire Nhatkwe, Mapugumbwe, Grande Zimbabwe e Khami. No geral sabe-se que a construção em plataforma sustentava as habitações da elite dirigente, sendo que na parte periférica habitava o resto da população, como foi verificado em Khami (na actual República do Zimbabwe).

Conforme foi referido anteriormente a estrutura do amuralhado é composta pelos seguintes compartimentos: a plataforma em si, as escadas, os quatro vestígios de *dhaka*, a estrutura rectangular e o pedregulho.

A plataforma certamente deveria ser o suporte das casas de *dakha*, onde habitava a elite dirigente tal como foi constatado em Khami (Robinson 1959; Hall 1987; Pikirayi 2013). No Songo estas casas eram separadas por muralhas radiais, como em Manyikeni, para a privacidade dos seus residentes (Macamo com. Pessoal),

A estrutura rectangular foi interpretada como sendo um depósito de armazenamento de sal que se fundiu quando a plataforma foi queimada (Macamo 2006: 189-190). O pedregulho (formação natural) foi incorporado na estrutura dando a ideia de contiguidade da construção (Macamo 2006, 2011) como acontece em Mapungubwe (na actual República Sul africana). Esta técnica de construção, foi designada por Tipo *Dzata*.

As escadas, evidentemente eram a via principal para o acesso à plataforma do Songo. “Escadas similares a estas, igualmente foram encontradas em Niamara na província de Manica” (Macamo 2006, 2011).

Para melhor esclarecimento, neste trabalho foram analisados os seguintes aspectos: a técnica de arquitectura, o tipo de construção, as Classes do amuralhado e a sua função.

As técnicas de arquitectura da Tradição Zimbabwe-Khami até então conhecidas são: *Free-standing Wall* (identificada em Manyikeni, Mapungubwe e no Grande Zimbabwe) e *Retaining Wall* cujo exemplo é Songo, Niamara e Khami. Por outro lado, no que tange às classes do amuralhado pode-se salientar que, com a excepção do Grande do Zimbabwe que se encontra relativamente melhor preservado, a atribuição correcta das classes não é aplicável para as restantes estruturas do género.

Quanto à questão da datação do Songo, nota-se haver diferenças no modelo de interpretação usado por Rodrigues, Castelo e Macamo. A diferença de abordagem entre as três autoras reside unicamente no facto de que, enquanto as primeiras duas autoras a sua análise é baseada nos documentos históricos de pioneiros portugueses e na cerâmica, por sua vez, Macamo baseia a sua interpretação na arquitectura, sendo que não teve acesso à cerâmica recolhida em Songo.

No que diz respeito às fontes orais relatadas por Santos Júnior (1940, 1941), pode-se considerar que através destas também é possível entender os valores intangíveis relacionados com o Songo. Estes valores estão ligados à religião e a um sistema de crenças (Duarte & Macamo 1996). Existe ainda toda uma história relacionada com as abelhas (Macamo 2006, 2011), que poderá ter sido usada para preservar a estação arqueológica ao longo dos tempos, como sucedeu em Mapungubwe (na actual África do Sul), em torno dos *chacais*.



A partir deste trabalho, perspectiva-se que a baliza de conhecimento obtido possa também ajudar a decifrar as funções das restantes construções do género, em Moçambique. Ciente das limitações deste estudo, sobretudo o facto de não ter sido possível visitar Songo, torna-se pertinente a realização de mais investigações multidisciplinares por volta do assunto, envolvendo arqueólogos, etnógrafos, arquitectos e geólogos, entre outros intervenientes para melhor compreensão da arqueologia do Songo.

## **Recomendações**

Ciente das limitações deste estudo, sobretudo o facto de não ter sido possível visitar o Songo, torna-se pertinente a sua realização no futuro, num quadro de pesquisas multidisciplinares por volta do assunto, envolvendo arqueólogos, etnógrafos, arquitectos e geólogos, entre outros intervenientes para melhor compreensão das funções da sua plataforma.

Espera-se que futuramente os estudiosos moçambicanos possam ter acesso à colecção de cerâmica recolhida no Songo entre 1971 e 1972 e que presentemente se encontra à guarda do Instituto de Investigação Científica Tropical, em Lisboa, em Portugal.

Neste contexto, há necessidade de se accionarem mecanismos de cooperação bilateral existentes entre Moçambique e Portugal para que, bem como da legislação da UNESCO, uma parte senão todos os materiais recolhidos no Songo sejam devolvidos à Moçambique, com vista a serem reavaliados e a partir disso melhor poder-se compreender-se a cronologia do Songo sob o ponto de vista da sua ocupação e funções.

## Referências bibliográficas

Adamowicz, L. 2003. Geografia do Património Cultural de Moçambique. Maputo.

Araújo, G. M. 1997. *Geografia dos povoamentos: uma análise geográfica dos assentamentos humanos rurais e urbanos*. Maputo: Livraria universitária-Universidade Eduardo Mondlane.

Bandama, F. Manyanga, M & Chirikure, S. 2018. “Copper wire objects from Jahunda and Little Mapela: technology, value systems and networks in Iron Age southern Africa”. *Azania: archaeological research in Africa* 53,(4): 528–545.

Barradas, L. 1972. “Os Construtores de Zimbábwés”. *Revista Monumenta* 8: 41-53.

Beach, D. 1980. *The Shona and Zimbabwe, 900–1850: an outline of Shona history*. Gweru: Mambo Press.

Beach, D. 1994. “A evolução das tradições da dinastia Mutapa”. *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique* 16: 135-195.

Castelo, I. F. R. 2015. “Traços da presença portuguesa no Vale do Zambeze entre os sécs. XVI e XIX à luz das pesquisas realizadas pela Brigada de Estudos de Pré-história e arqueologia (JIU) entre 1971 e 1972”. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/1845> [consultado em 10 de Maio de 2019].

Caton-Thompson, G. 1931. *The Zimbábwè Culture: Ruins and Reactions*. Oxford: Clarendon Press.

Chirikure, S. Manyanga, M., Pollard, M, A, Bandama, F. Mahachi, G & Pikirayi, I. 2014. “Zimbabwe Culture before Mapungubwe Zimbabwe Culture before Mapungubwe: New evidence from Mapela Hill, South-Western Zimbabwe”. *Plos one* 9 (10): 1-18.

Chirikure, S. Nyamushosho, R. Bandama, F. & Dandara, C. 2018. “Elites and commoners at Great Zimbabwe: archaeological and ethnographic insights on social power.” *Antiquity Publications Ltd.* 92 364: 1056–1075.

Connah, G. 1987. *African Civilizations: precolonial cities in Tropical Africa: an archaeological perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

DAA-UEM. 1980. “Arqueologia e conhecimento do passado”. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia* 1: 1-10.

Dicionário Enciclopédico Alfa. 1992. Lisboa: Publicações Alfa.

Grilo, V. H. V. 1968. “Localização do Zimbabwe de M`bire Nhantekwe”. *Revista Monumenta* 4: 15-19.

Figueiredo, C. 1996. *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Hall, M. 1987. *The changing past: Farmers, Kings and traders in southern Africa, 200-1860*. Cape Town: David Philip.

Hall, M. & Steffoff, R. 2006. *Great Zimbabwe*. Oxford: Oxford University Press.

Huffman, T. N. 1982. “Archaeology and ethnohistory of the African Iron Age”. *Annual Review of Anthropology* 11: 133–50.

Huffman, T. N. 2000. “Mapungubwe and the origins of the Zimbabwe Culture”. *South African Archaeological Society Goodwin Series* 8: 14–29.

Huffman, T. N. 2009. “Mapungubwe and Great Zimbabwe: the origin and Spread of social complexity in southern Africa”. *Journal of anthropological archaeology* 28: 37-54.

Huffman, T. N. 2011. “Debating Great Zimbabwe”. *South African Archaeological Bulletin* 66 (193): 27–40.

Huffman, T. N. 2015. “Mapela, Mapungubwe and the origins of states in southern Africa.” *South african archaeological bulletin* 70 (201): 15–27.

Macamo, S. L. 2003. *Dicionário de Arqueologia e Património Cultural de Moçambique*. Maputo: Ministério da Cultura e UNESCO.

Macamo, S. L. 2006. *Privileges Places in South Central and North Mozambique: The archaeology in Manyikeni, Niamarra, Songo and Degue-Mufa*. *Studies in Global Archaeology* 4. Uppsala: Department of archaeology ancient History.

Macamo, S. 2009. Manual de Pré-história de Moçambique. Maputo: UEM, Departamento de História.

Macamo, S. 2010. “A protecção do património edificado em Moçambique: desafios para o presente e futuro”. In: Luís Lage & Júlio Carrilho (coord.) *Inventário do Património Edificado da Cidade de Maputo. Catálogo de edifícios e conjuntos urbanos propostos para classificação*: 7-8 Maputo: UEM- Edições FAPF- Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico.

Macamo, S. L. 2011. Paisagens culturais da Tradição Zimbabwe em Moçambique. Maputo: DAA-UEM.

Macamo, S. L. & Duarte, T. 1996. “Oral tradition and Songo Ruins”. In: Pwiti, Gilbert & Soper, Robert (eds.) *Aspect of African Archaeology - Papers from the 10<sup>th</sup> Congress of the Pan African Association for Prehistory and Related Studies*: 561-563. Harare: University of Zimbabwe Publications.

Macamo, S. Ekblom, A. Sinclair, P. J.J & Adamowicz, L. (no prelo). The Manyikeni and Chibuene Archaeological sites , Mozambique: Prospects for their for their conservation and management.

Manyanga, M. 2006. *Resilient Landscapes: socio-environmental dynamics in the Shashi-Limpopo Basin, southern Zimbabwe c. AD 800 to the present*. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History.

Meneses, M. P. G. 2002. *Glossário de alguns conceitos e termos utilizados em Arqueologia*. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia, Universidade Eduardo Mondlane.

MAE. 2014. *Perfil do Distrito de Cahora Bassa*. Maputo: Ministério da Administração Estatal. [www.maefp.gov.mz](http://www.maefp.gov.mz) [Consultado em\_20 de Fevereiro de 2019].

Ndoro, W. 1997. “Great Zimbabwe” *Scientific American* 1: 95-99.

Ndoro, W. 2001. *Your monuments our Shrine: the preservation of Great Zimbabwe. (Studies in African Archaeology 19)*. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.

- Ndoro, W. 2005. *The preservation of Great Zimbabwe: Your monuments our Shrine*. Rome: ICCROM.
- Oliveira, O. R. 1973. “Zimbábues de Moçambique: Proto-História africana”. *Revista Monumenta* 9: 31-64.
- Pacheco, M. L. A. F. 2008. “As diferentes Abordagens Sobre Estilo e Função em Arqueologia”. *UFPR* 48/49: 389-425.
- Pikirayi, I. 1993. *The archaeological identity of the Mutapa state: Towards an historical archaeology of Northern Zimbabwe*. (Studies in African Archaeology 6). Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.
- Pikirayi, I. 2013. “Stone architecture and the development of power to the Zimbabwe tradition AD 1270-1830”. *Azania: Archaeological Research in Africa* 48 (2): 282-300.
- Pikirayi, I. & Chirikure, S. 2008. “Inside and Outside the dry stone wall: Revising the material culture of Great Zimbabwe”. *Antiquity* 82: 976-993.
- Pwiti, G. 1996. *Continuity and change: an archaeological study of farming communities in northern Zimbabwe AD 500-1700*. Uppsala: Studies in Africa Archaeology 13.
- Ramos, M. 1973. “Exploração arqueológica na área de Cahora-Bassa”. *Separata de Actas das II Jornadas Arqueológicas* (1): 7– 14.
- Ramos, M. 1979. “Contribution portugaise à l'étude archéologique de la vallée du Zambeze”. *Leba* 2: 45–52.
- Ramos, M. 1980. “Une enceinte (Monomotapa) peu connue du Songo, Mozambique”. In Leakey, R. E. F. & Ogot, B. A (eds.) *Proceedings, 8<sup>th</sup> Pan African Congress of Prehistory and Quaternary Studies*: 355-356. Nairobi: Memorial Institute for African Prehistory.
- Robinson, K. R. 1959. *Khami Ruins*. Cambridge: University Press.
- Rodrigues, M. C. 2009. *Contribuição para a arqueohistória comum de Portugal e de Moçambique: O recinto amuralhado do Songo no contexto do Estado Mutapa-Resultados da*

*Intervenção Arqueológica-Província de Tete*. Lisboa: Centro de História-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Santos Júnior, J. R. 1940. *Pré-história de Moçambique*. Lisboa: Instituto de Antropologia da Universidade de Porto.

Santos Júnior, J. R. 1941. “On the Pre-History of Mozambique”. *Separata do documentário trimensal* 28: 23-75.

Schneider, S. & Schmitt, C. J. 1998. “O uso do método comparativo nas ciências sociais”. *Cadernos de Sociologia* 9: 47-87.

Sinclair, P. J. J. 1987. *Space, Time and Social Formation: a territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c. 0-1700 AD*. (AUN 9): Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.

Sinclair, P. J. J. 1991. “Archaeology in Eastern Africa: An Overview of Current Chronological Issues”. *The Journal African History* 32 (2): 179-219.

Sinclair, P. J. J. *et al.* 1993. “A perspective on archaeological research in Mozambique”. In: Shaw, T., Sinclair, P., Andah, B. & Okpoko, A. (eds.) *The archaeology of Africa. Food, metals and towns*: 409–431. London: Routledge.

Sinclair, P. J. J. & Petré, M. s/d. *Exploring interface between modern and traditional information systems: the case of Great Zimbabwe*. Uppsala: University Uppsala.

Whetley, P. 1972. “The concept of Urbanism”. In: Peter, J. Ucko; Ruth Tringham & G. W. Dimbleby (eds.) *Man, settlement an urbanism: Proceedings of a meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology*: 320-340 London: London University.

Wieschhoff, H. A. 1941. *The Zimbabwe-Monomotapa culture in southeast Africa*. General Series in Anthropology 8. Menasha: George Banta Publishing Company.

## Anexos

### Anexo 1.1

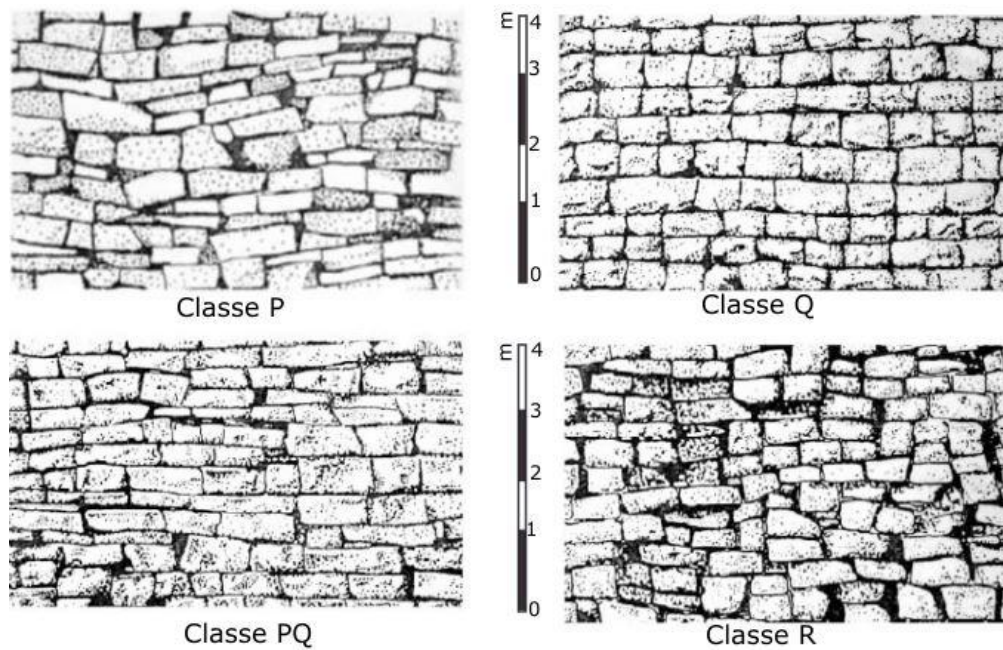


Figura 13. Classes dos amurallados Zimbabwe (Pikirayi e Chirikure 2008).

### Anexo 1.2

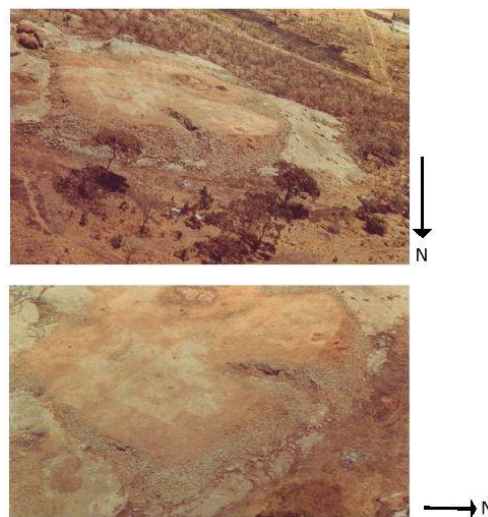


Figura 14. Fotografias aéreas da implantação da construção do afloramento rochoso. Fotografia aérea da entrada do recinto, situada a Norte (adaptado e modificado de Rodrigues 2009 por Castelo)